

# O GALO O GALO O GALO O GALO

REVISTA CULTURAL

ANO V - Nº 5 - NATAL-RN - NOVEMBRO/DEZEMBRO/93 - GOVERNO DO ESTADO DO RN - FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - CR\$ 500,00



Foto Capa - Luiz Henrique

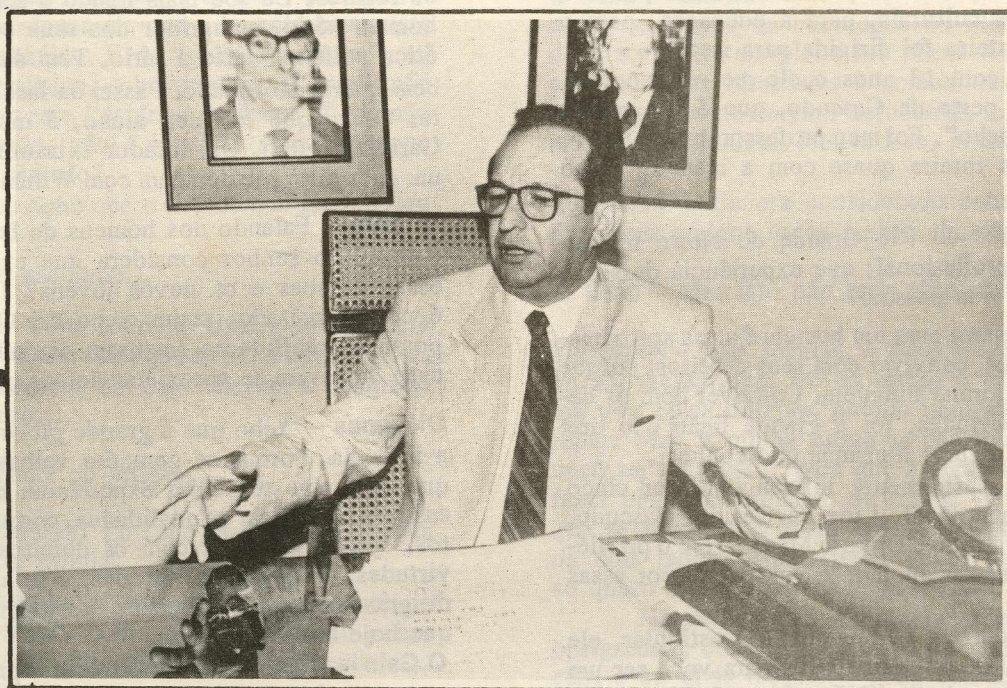
## DIÓGENES DA CUNHA LIMA

### O Homem por inteiro



# O Inventor de Poemas

Entrevista por:  
Auricéia A. Lima  
Paulo Augusto



Filho e neto de poetas — o avô, João da Cunha Lima foi deputado na Paraíba, e o pai, Diógenes da Cunha Lima, era promotor-adjunto em Nova Cruz —, nosso entrevistado do mês, Diógenes da Cunha Lima Filho, nascido a 20 de julho de 1937, também um bardo de mão cheia, escritor e advogado, atualmente presidindo a Academia Norte-riograndense de Letras (ANL), é uma figura rica, opulenta, plural. Por isto mesmo, polêmica. Sempre despertou involuntárias paixões por suas performances em cena potiguar, seja para o bem-querer incandescente ou para o figurativo do malmequer-dorio-grande com que ele se confunde, um girassol do mato, sempre a cruzar-se com a luz. Na Nova Cruz de origem, na região Agreste, a 114 Km de Natal, se lavava os cavalos da fazenda ou ajudava o pai na loja de tecidos, lia, aos 12 anos. Anatole France, Shakespeare, Doistoiévski, José Lins do Rego, Ascenso Ferreira e Guerra Junqueiro.

Sua atual condição de presidente em Natal do Partido Progressista Reformador (PPR), fusão do PDS e PDC para sustentar a candidatura do prefeito Paulo Maluf à Presidência, marca sua inquietação política, depois de ter servido ao Estado como procurador da Prefeitura de Natal (1966), presidente da Fundação José Augusto (1971-74), secretário estadual de Educação (1974-75) e reitor da UFRN (1979-83), com exercício ainda na presidência do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras — CRUB (1981-83), com gestões marcadas pela excentricidade.

Com dois primos na mira permanente da mídia pela importância dos cargos que ocupam — Ronaldo Cunha Lima, duplê de político e poeta, governador da Paraíba, e o jovem Cássio Cunha Lima, superintendente da Sudene —, Diógenes há pouco virou capa de revista (“A Carta” e 28 Graus, suplemento regional da “Veja”), ao comprar, em 1991, um dos 19 adansonia digitata — o baobá imortalizado por Saint-Exupéry — existentes no Brasil — há 16 em PE, 2 no RN e 1 em Fortaleza —, por uma paixão despertada nele há mais de 30 anos.

Em sua própria banca de advogado produziu um fato bizarro; fazer e ganhar a defesa de um marido abandonado pela mulher que, por não ter salário, renda e bens, obteve pensão da sua ex, “por ser pobre de tudo”, criando jurisprudência na área com a tese defendida valentemente diante do juiz.

Nesta entrevista, um papo de mais de duas horas com a editora de “O Galo”, Auricéia Antunes de Lima, e o jornalista Paulo Augusto (“Jornal de Natal”), Diógenes abre-se “sem-censura”, revelando fatos, situações e nomes que viveram, construíram e influenciaram a história do Estado, sem ater-se a escrúpulos ou melindres que anuviassem seu compromisso com a verdade. Mesmo compactada, por questão de espaço, sua fala revela o homem, o poeta e o político, que não faz segredo de voltar a reger a comunidade acadêmica: sua candidatura fica evidente.

Interlocutor e confidente de legendas como Câmara Cascudo (de quem é biógrafo — ver “Câmara Cascudo — Um Brasileiro Feliz”, 1968), Dinarte Mariz (com quem fez 13 horas de gravação para um livro, no prelo), Djalma Marinho (a quem homenageou com “O homem que pintava cavalos azuis”, 1982), Onofre Lopes (que o indicaria para a Reitoria) e Cortez Pereira (governador com quem tentou “mexer” nos pauzinhos da política para redimir o Estado), lançando um olhar para o futuro, declara sem papas na língua: “Você consertando a infância, consertará a sociedade. Não se conserta o velho; não tem mais o que se consertar”.

**O Galo** — O senhor foi presidente da Fundação José Augusto, secretário estadual de Educação, reitor da UFRN e é presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Advogado, poeta, escritor, compositor. Poderia definir o homem Diógenes dentro desse contexto?

**Diógenes** — Sou filho e neto de dois poetas. Meu pai era adjunto de promotor em Nova Cruz, lia de tudo, era poeta, como meu avô e a minha avó. Era um frasista fantástico. Li recentemente um depoimento sobre ele; foi renovador e excelente no seu trabalho.

Com 12, 13 anos eu estava lendo livros que ele trazia para Nova Cruz, como Anatole France, Doistoévski, Shakespeare, um autor chamado Érick Maria Remark. Sempre tive vocação para promoções culturais, para a educação, para o direito. A minha vida inteira foi dirigida para isso.

Vim para Natal com 13 anos e ele me recomendou, sobre Cascudo: "Fique perto de Cascudo, que é um grande rio. O resto tudinho é riacho". Foi meu professor, muito moço, e ele me tratou a vida inteira quase com a maneira como se tratava a um filho.

**O Galo** — Personalidades do Rio Grande do Norte tiveram influência na sua vida profissional; que experiência dessa vivência trouxe para sua vida pessoal?

**Diógenes** — A grande riqueza para um homem é a sua aproximação com seus semelhantes, conviver com seus defeitos, porque ninguém consegue transformar ninguém. Conviver com os defeitos, mas realçar as virtudes, foi a grande lição que tirei das personalidades, das figuras humanas que conheci.

A minha vida foi basicamente influenciada por cinco homens: meu pai, figura notável, Luiz da Câmara Cascudo, Onofre Lopes, Djalma Marinho e Dinarte Mariz. Tive o privilégio de conviver com eles, ser apoiado e valorizado por essas pessoas.

Dr. Onofre, no dia em que passou no vestibular, ele disse: "Meus parabéns. É o primeiro passo para você ser um grande advogado". E eu rebati: "Não, é o primeiro passo para eu ser o reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Eu vou ficar no lugar do dr. Onofre, um dia".

**O Galo** — O Senhor tinha quantos anos quando passou no vestibular?

**Diógenes** — Acredito que 18. E dr. Onofre foi um dos que me estimulou a ser reitor. Uma curiosidade: quando ele me convidou, foi por indicação do dr. Otto Guerra, por causa das notas. Eu tinha experiência no cartório, pois dr. Otto me indicava para um departamento jurídico, e dr. Onofre me contratou com um contrato único, o que ele fazia sempre: eu ganhava um mês sim, um mês não. Foi um homem absolutamente notável.

E com Dinarte, desde o começo, tive também uma vinculação. Creio que havia um destaque entre os alunos de direito, na faculdade, para Dinarte: éramos eu e Hélio Vasconcelos. Na amizade, na simpatia, foi quem me indicou a um bom promotor de Natal, quando comecei minha vida aqui. Este homem eu acompanhei durante toda a vida. Dinarte foi o Seridó feito gente. Pra mim, era o símbolo de Caicó transformado no Estado, naquela força, garra, bondade, coragem, obstinação, o milagre de vencer as coisas. Porque o seridoense é um competente: veja a cidade de Caicó sem ter miséria. Não existem ricos, nem existem miseráveis; é toda uma classe média. A mulher participa, trabalha no artesanato doméstico, do doce ao bordado, e é sempre o melhor possível. O homem participa das lutas políticas desde as origens, passando por José Augusto, grande líder de lá. O Seridó tem características curiosas, diferentes, estranhas, poéticas, até.

Dinarte era um homem que sabia decorado dezenas, talvez centenas de poemas, frases. E era um homem de frases de efeito, de capacidade verbal extraordinária. E ele tem a cara do seridó; um sertanejo resistente, forte, procurou fazer o bem ao Nordeste, ao Rio Grande do Norte, ao Ceará, ao Seridó.

Eu gravei 13 horas de conversa com ele. Sei praticamente tudo da vida desse homem, e estou tomando depoimentos de amigos, frases, idéias. Estou escrevendo sobre Dinarte e

pretendo fazer um livro dele, como merece. A dificuldade é escolher um título. Porque eu pensei no de Djalma Marinho chamar-se "O homem solidário". Djalma seria "O homem solidário".

**O Galo** — O senhor diz que teve como base para sua formação cultural pessoas como dr. Onofre, Dinarte Mariz, entre outros. Poderia citar nomes de hoje, entre as personalidades com quem convive?

**Diógenes** — Escritores como Américo de Oliveira Costa, Veríssimo de Melo, poetas como Luiz Carlos Guimarães, Ney Leandro de Castro, pessoas de altíssima qualificação profissional em qualquer parte do país. Na política, eu tenho amigos em todos os lugares. Eu sou mais ligado e acredito em José Agripino, homem sério, cumpridor dos seus compromissos, que leva a ética política muito a sério. Tem dado uma demonstração de bem-querer ao Estado. Passei da fase radical ao lado de Dinarte. Outro que foi meu aluno, é meu amigo, que admiro, é Garibaldi Filho. Um lutador extraordinário, um homem forte, um guerreiro. Me dou bem com Wilma Faria, pessoa excelente.

**O Galo** — Falando dos homens de letras que militam na área cultural, o senhor considera que existe hoje distância entre essas pessoas e os novos jovens? Dr. Américo de Oliveira é pouco visitado, assim como dr. Otto Guerra, homens que possuem bibliotecas imensas, variadas e ricas. Não seria o caso do jovem se aproximar dessas pessoas com experiência?

**Diógenes** — Acho que a grande preocupação tem que ser com a infância. Porque se gerações velhas já deram o que tinham que dar; elas têm essa experiência então, tem que se fazer esse elo. Verificar as qualidades, porque todos nós temos defeitos. Mas é conviver com os defeitos, procurando realçar as virtudes, as possíveis virtudes, e se aproximar desses homens de grandeza que você citou. Veríssimo de Melo é um homem que hoje honra o Estado.

**O Galo** — Como o senhor situaria a produção cultural e aquilo que se está produzindo hoje no Rio Grande do Norte?

**Diógenes** — O Rio Grande do Norte é um Estado curioso, diferente na maneira de ser. Curioso e diferente nos costumes, na maneira de ser, diferindo até de outros Estados do Nordeste. E, na literatura, na cultura, também. Repare: o Rio Grande do Norte deu poucos ficcionistas; parece isolado. No passado, quase ninguém; no presente, dois ou três.

Pra não falar dos vivos, eu falo dos mortos: um Estado que deu Jorge Fernandes, Zila Mamede, Myriam Coeli, Auta de Souza — a mulher sempre dominando —, José Bezerra Gomes, Newton Navarro, Berilo Wanderley... Um Estado riquíssimo em poesia. E, dos novos, há poetas no Rio Grande do Norte que, a meu ver, estão no mesmo nível dos grandes poetas nacionais. Só que o Brasil é aquele arquipélago cultural e eu tenho insistido nisso: há grandes poetas aqui e não são conhecidos porque o Rio Grande do Norte não é pólo difusor, não é como o Rio, São Paulo e até Brasília. Fica restrito ao Rio Grande do Norte, embora esteja se fazendo um esforço para aparecer. "O Galo", mesmo, é um esforço interessante.

**O Galo** — Mas todo poeta é um sonhador, um utópico; será por isto que aqui tem tantos poetas?

**Diógenes** — Na minha área, de Direito, nenhum Estado brasileiro pode dizer que tem um melhor jurista do que o Rio Grande do Norte. Veja, do Rio Grande do Norte: Amaro Cavalcanti, Carvalho Santos, Seabra Fagundes, Nehemias Gueiros, Ferreira de Souza. São cinco grandes nomes nacionais. Pra falar dos que morreram, num Estado pobre como este.

**O Galo** — Por que chamar o mestre Câmara Cascudo de "Brasileiro feliz" no título do seu livro — adjetivação que ele termina aceitando como revela na folha de rosto da obra — em meio a tanta desgraceira? Isto não teria comprometido a obra, criado alguma reserva por parte da intelectualidade local, já que seria difícil um brasileiro "ser feliz" hoje no país. De mais a mais, o livro é de 1968, ano do Ato Institucional nº 5, o AI-5. Como o senhor vê hoje a idéia deste título?

**Diógenes** — Cascudo foi um homem feliz porque foi um homem que realizou a obra que ele queria realizar. Ele fez tudo que quis fazer; filho único, de pais ricos e, enquanto pôde, produziu sua obra sozinho, isolado, estudando dia e noite. E produziu tudo que quis.

Um homem da maior erudição do país (*exalta-se*). **Ninguém mais erudito do que ele, e com uma obra séria. Agora, o Rio Grande do Norte é o seguinte: todo sujeito que quer aparecer tem que dizer desaforo a Cascudo.**

**O Galo** — Por falar em desaforo, o senhor chegou a ler o texto do jornalista e escritor norte-rio-grandense Genival Rabelo publicado na "Tribuna da Imprensa", do Rio? Consideremos: Cascudo viveu numa época em que o levante comunista de 35 foi debelado, foi abafado. E os "galinhas verdes", na época, membros do Integralismo, sobreviveram. Cascudo não teria sido influenciado por esse "espírito de época"? Ele não foi um homem de esquerda, não é isso? O senhor chegou a ler o artigo de Genival Rabelo?

**Diógenes** — Eu li o artigo. Acho que o Estado não reconheceu o talento dele...

**O Galo** — O Genival é de esquerda...

**Diógenes** — Ele tem um livro sobre a União Soviética, e conversamos muito sobre o livro dele, que eu acho interessante. Agora, evidentemente ninguém no país chegou a comparar sua obra com a do Cascudo...

**O Galo** — Ele foi deselegante no artigo...

**Diógenes** — Muito deselegante. Eu acho que foi muito além da realidade; acho que foi infeliz.

**O Galo** — Ao atingir Cascudo, o tiro não teria recocheteado e atingido o senhor? Porque, com o artigo, atingiu nosso intelectual de maior expressão, esse mito criado e alimentado...

**Diógenes** — Claro que atingiu: ele atingiu o país. Cascudo é um símbolo nacional. Um símbolo do Rio Grande do Norte, mas um símbolo nacional. De erudição, de bondade, de folclore, do melhor que o povo tem. Na hora em que atinge Cascudo, é como enlamear um Gilberto Freyre (*antropólogo e historiador pernambucano*) ou um, para o Exército, Luiz Alves de Lima e Silva (*Duque de Caxias, patrono do Exército*). Ele é um símbolo de brasilidade. E, se o chama de "galinha verde" ou de qualquer dessa natureza, é claro que não tinha nenhuma importância na época...

Na época, havia um intelectual do maior peso, chamado Plínio Salgado (*líder do Integralismo, movimento político de extrema-direita baseado nos moldes fascistas*), que seduzia pessoas com "Deus, Pater e Família" (*símbolo da Opus Dei, organização espanhola do catolicismo conservador*). E, pra mim, não há nada melhor do que "Deus, Pater e Família". Houve intelectuais da maior categoria. Depois, saíram, porque acharam que o movimento estava se ligando a ditaduras.

Houve uma vez uma solenidade aqui — e eu registro esse fato pra mostrar quem era Cascudo — em que estavam as mais altas autoridades militares. E Cascudo fez a seguinte frase: "Eu não gosto dessas rearrumações — repare: chamar naquela época da Revolução de 'rearrumação', era um negócio meio brabo —, da rearrumação que vocês fazem no país. Porque, a cada vez que há uma rearrumação dessas, três amigos meus vão pro exílio e três amigos meus vão pro poder. Então, eu não posso conversar com os que estão no exílio, e só posso conversar com os que estão no poder. Depois, passo por uma outra rearrumação e aqueles que estavam no poder vão pro exílio. Como é que posso gostar disso?" Cascudo vivia isolado, não tinha nada a ver com política.

**O Galo** — Agora é com o senhor, mesmo: acha que teve uma formação burguesa, já devido à nascença e tudo? O senhor foi um pouco distanciado dos problemas sociais?

**Diógenes** — Pra mim é besteira essa classificação de burguesia, burguês e operário, etc. Eu sou um menino do interior, um matuto

de Nova Cruz, criado trabalhando duro, dentro da loja do meu pai, Diógenes da Cunha Lima; eu lavava os cavalos da fazenda, levava leite pra entregar ou ia com um moleque de casa em casa entregando leite. E quando os braços davam um metro, papai botava na loja pra trabalhar. Se os braços já davam um metro, estirados, é porque já podia medir a fazenda. Adolescente nada, menino mesmo. Talvez com nove, dez anos eu já estava dentro da loja. Fui ser caixa; depois fazia pacotes. Meu pai era um intelectual, comerciante. Ele leu, eu li com 12, 13 anos, livros dele. Ele lia de Shakespeare a Almanaque Capivarol; tudo que chegasse perto dele, ele lia.

**O Galo** — Em São Paulo, em 1968, houve uma briga famosa entre os alunos da Faculdade de Filosofia da USP e alunos do Mackenzie, em plena rua Maria Antônia, na qual saiu até sangue, entre direitistas e comunistas. O senhor participava em Natal do movimento estudantil, mas como parte do movimento situacionista. Houve isso, entre o pessoal mais afoito?

**Diógenes** — Eu era considerado estudante de direita, ainda que meus amigos todos fossem de esquerda.

**O Galo** — Mas isto não teria sido sua formação?

**Diógenes** — Não, foi aqui, na faculdade. Por formação, sim, porque eu não acreditava. Eu lia muito e achava que o comunismo era uma coisa ridícula, porque impressionava. Naquela época, repare bem, a minha turma se chamou "Turma da Paz". Para você ter uma idéia; para que a gente terminasse o curso bem, fazer um acordo dentro da minha turma, em 63, foi preciso que se escolhesse quem era de Krushev. Só podia se tivesse os dois lados. Ainda tinha gente divergente dizendo: "Eu só quero se fizer homenagem a João XXIII".

Naquela época havia uma dicotomia, uma separação obrigatória, conseqüentemente, pra mim, era uma radicalização, e eu dizia mesmo: "Todo comunista é burro". Era meu lema agressivo, pra agredir os outros, e levava o troco também. E eles me agrediam: "Reação!" E eu era líder...

**O Galo** — Mas chegou a haver confronto de rua?

**Diógenes** — Não. Mas havia quase barulho, havia quase briga.

**O Galo** — Diga três nomes dos que estavam do seu lado e que hoje estão na ativa.

**Diógenes** — Estão aí José Augusto Delgado, é juiz do Trabalho, Aécio Sampaio Marinho, meu colega de turma; não participava tanto, mas era sempre do lado da direita.

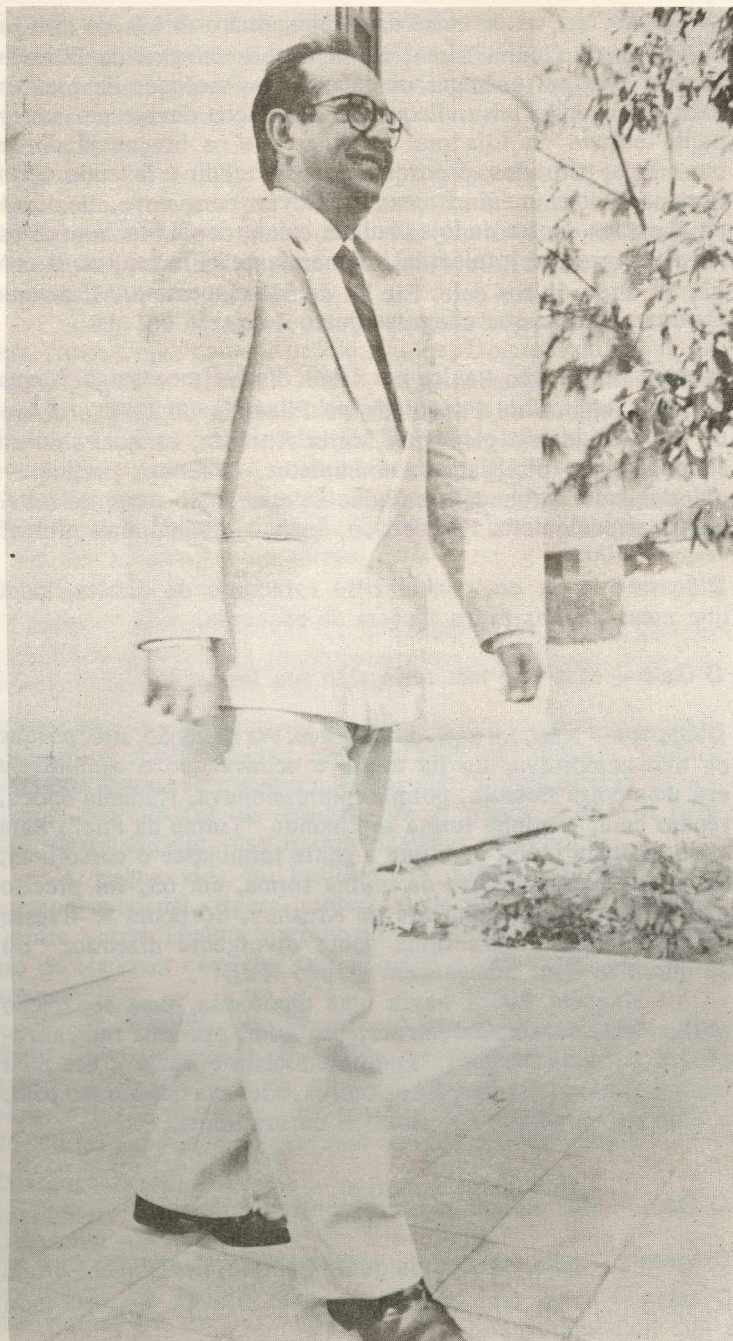
**O Galo** — E esses se destacavam nas contendas, no pega pra capar? E do outro lado?

**Diógenes** — Do meu lado eu acho que me destacava mais. Edgard Smith, do meu lado, se destacava. Do outro, Hélio Vasconcelos... Mas do outro lado se destacavam pessoas como Marcos Guerra... (pausa) Sim, e do meu lado se destacava o ministro Fausto, do lado da direita. Do outro, às vezes, Barca, Varela Barca. Varela Barca brigou muito comigo. Mas era amigo íntimo. Era uma discussão embasada culturalmente. Era um negócio que valia a pena.

**O Galo** — E quando vocês faziam essas discussões o tema era de âmbito nacional? Depois voltavam ao tema local?

**Diógenes** — Basicamente, era direita e esquerda. Nessa época era direita/ esquerda mesmo. E havia uma turma da Igreja. Por exemplo: Marcos (Guerra) era mais da Igreja. Marcos era um "esquerdinha-Igreja", era da JUC — Juventude Universitária Católica, que era outra linha. E não se dava com a turma de esquerda mesmo.

**O Galo** — O senhor falou que não acreditava no comunismo, que foi extinto na Rússia. Conseqüentemente o senhor acredita no capitalismo?



**Diógenes** — Acredito. Acredito no capitalismo. Agora, evidentemente que com as conquistas da modernidade. O que eu achava era que o capitalismo não era opção. Mas havia formas socializantes, inteligentes, dentro do capitalismo, que é o que está ocorrendo hoje no mundo inteiro. Houve um abrandamento. Não o capitalismo chamado “capitalismo selvagem”. Como não podia haver o “comunismo selvagem”... Só que não se dizia isso...

Sabe uma coisa estúpida que se fazia? Dizia-se o seguinte: “Fulano é avançado”. “Avançado” significa “é de esquerda”. “Fulano é retrógrado”. “Retrógrado” significa “direita”. Quando eu dizia que era exatamente o contrário: “Eu sou avançado porque não sou de esquerda”.

**O Galo** — Eram esses os termos que se usavam?...

**Diógenes** — Eram todos, havia uma divisão braba. Agora, divisão numa coisa porque, numa mesa de bar, estavam todos unidos, tomando cachaça e brincando...

**O Galo** — Vendo esse tempo distanciado, nesse teatro de operações lá em 1963, a política local era essa coisa pachorrenta que a gente vê hoje, provinciana, os Alves e os Maia? Na época havia Alufzio Alves e Dinarte Mariz. Mas, era uma política sem maiores vãos?

**Diógenes** — Sem maiores vãos... Nunca houve grandes vãos; a não ser das pessoas. Porque eram pessoas muito grandes. Pra mim, Dinarte Mariz é excepcional. Djalma Maranhão, excepcional. E o próprio Alufzio é um homem de talento.

**O Galo** — O que é que leva as coisas a ficarem assim, de família contra família? Termina sendo isso?

**Diógenes** — Olha, no Rio Grande do Norte sempre houve oligarquias.

**O Galo** — Mas, uma turma como a sua, não houve mais dessas brigas, levantando temas mais consistentes?

**Diógenes** — É que a gente discutia isso mesmo. Isso era a alma. A minha turma, da Faculdade de Direito, pra você ter uma idéia, observe quem era: foram meus colegas da Faculdade de Direito José Augusto Delgado; digamos, dez juízes federais, do trabalho. Entre 30, dez eram juízes. Compreendeu? Do Ministério Público, procuradores, um reitor...

**O Galo** — E houve entre eles aqueles torturados, quando entrou o regime militar, em 1964?

**Diógenes** — Não vamos dizer que foram torturados, porque eles não foram, mas os amigos dos meus amigos. Como agora: eu entrei com duas ações de pessoas que eram ligadíssimas aos meus amigos, a meus colegas naquela época. Ligados a mim, mesmo. Luiz Maranhão, o Sobrinho, e Iran Pereira. Foram torturados e mortos e eu entrei com a ação (*de indenização pela União*). E eles eram amigos de todos os meus amigos dessa época, da turma de esquerda que fazia esse época. Eram amigos de Hélio Vasconcelos, de Iomar, de Danilo “Bunda Loura”...

**O Galo** — Mas essa aí, dentro dos “avançados” seriam os “mais avançados”?...

**Diógenes** — “Mais avançados”, porque eles eram professores, eles estavam lá em cima...

**O Galo** — Eles participavam de partido, de alguma coisa?

**Diógenes** — De partido: eles eram do PC do B, do PCB.

**O Galo** — Como o senhor viu a atuação do MEB — Movimento de Educação de Base, que teve atuação muito grande na época?

**Diógenes** — Eu tinha medo da Igreja. De um lado, eu era de formação religiosa, e sou, e tinha medo, preocupação de que eles se juntassem aos “esquerdas”, comunistas, que a JUC fosse ligada à turma. Porque eles agrediam. A turma que era considerada “direita” brigava mais com a JUC do que com as “esquerdas”. Porque a esquerda tinha muitas linhas: trotskista, leninista e outras e outras mais...

**O Galo** — Há quem diga em Natal que, na época em que dom Eugênio Sales foi ser arcebispo do Rio de Janeiro, distanciou-se dos problemas sociais. Se falássemos de pessoa da vida civil, diríamos que ela se aburguesou, se alienou. O que o senhor diz?

**Diógenes** — Ele era um homem que defendia e escondia, no Rio de Janeiro, os fugitivos do regime de (Augusto) Pinochet (*comandante-chefe das Forças Armadas chilenas, sucedeu o presidente civil eleito Salvador Allende após o golpe militar de 1973*). Ele é que guardou, no Rio de Janeiro, dentro de sua casa, em vários períodos, mesmo durante a época da Revolução. Ele é um homem que equilibrou muitas das violências que houve por aí fora.

**O Galo** — E o pau comia, né?

**Diógenes** — O pau comia dos dois lados, que a turma também não alisava, não. Na época, houve um período de guerrilha, mas ninguém acreditava, dos dois lados. Pra mim era uma grande mentira. Só depois de muito esforço é que eu fui entender que era uma verdade.

**O Galo** — E, nesse caso, dom Eugênio Sales sabia?

**Diógenes** — Ele é um pastor. Como é dom Nivaldo Monte, aqui. Pra mim é um dos grandes homens deste Estado. Sou doido por ele.

**O Galo** — Dom Eugênio Sales, falando à imprensa aqui em Natal, disse que casos como o “Massacre da Candelária” só serão passíveis de contornar quando a elite “se cristianizar”. Como advogado, como o senhor vê a nossa elite? Ela não foi sempre cruel, sempre não foi bárbara?

**Diógenes** — Olha, pra mim não é somente a elite: o povo é bárbaro. Agora, a elite, que é quem pode resolver a parada, também o é. Está muito preocupada em festa, em alegria, em viver e riqueza. Agora, a preocupação fundamental, que é a criança — você não pode mudar o país sem mudar a criança — não tem maior interesse.

**O Galo** — Nossos governantes, de quem o senhor é amigo pessoal, têm formação de onde? É desse caldo de cultura que formou nosso político? Por exemplo: a “indústria da seca”, o senhor não se colocaria em posição de assumir o poder executivo para tentar colaborar na solução de alguma coisa? Ou chegando lá a pessoa se corrompe simplesmente?

**Diógenes** — Não, não se corrompe, não. Eu tenho dois exemplos aqui agora mesmo. Eu tenho um primo meu, na Paraíba (o governador Ronaldo Cunha Lima), tem um primo meu na Sudene (Cássio Cunha Lima). Não acredito que se corrompe, porque eu conheço desde menino, desde novinho, e não se corrompe... Agora, obviamente, você tem bandido em todo canto. E a política brasileira é mal feita, a legislação é feita para haver uma ruma de PC.

**O Galo** — O economista e professor da USP Eduardo Giannetti, 36 anos, e também pesquisador do Instituto Fernand Brandel, disse em artigo na Folha de São Paulo de 8 de agosto acreditar que, “do jeito que a coisa vai, em breve a sociedade brasileira estará reduzida a apenas duas classes fundamentais: a dos que não comem e a dos que não dormem”, em razão da brutal concentração de renda. Cadê os homens públicos, o Djalma Márinho que o senhor tanto destaca? Existe hoje um homem desses estofado para enfrentar uma situação como a citada por Giannetti?

**Diógenes** — O Rio Grande do Norte teve, depois da República, grandes nomes nacionais. No momento presente há alguns bons (nomes) estaduais, de âmbito estadual. Nenhum ainda de projeção nacional...

**O Galo** — O mal é a oligarquia? A oligarquia também é um “mal de raiz”?

**Diógenes** — Claro que é. A forma oligárquica é que é um mal. Repare bem: a forma oligárquica é um mal, não é de capitalismo ou de comunismo. O comunismo era realmente oligárquico. E o capitalismo tende a ser oligárquico. Se você examinar bem, há uma tendência humana, da natureza humana, de ficar o governo da patota.

**O Galo** — O senhor foi reitor, é autor do livro “O Compromisso da Universidade” (1979), não vê como a universidade possa suprir com quadros novos para a revitalização da política local? Ou eles não querem se meter nisso, estão lucrando lá ou estão acomodados?

**Diógenes** — Olhe: há uma desconfiança política do meio universitário. Eles desconfiam dos políticos. Há uma desconfiança, e mútua.

Agora, uma das coisas que leva a uma maior desconfiança da universidade é que ela se encastela muito; tem uma mania de se encastelar. É um pessoal que se proclama gênio e, então, não pode descer pro comum dos mortais. Primeiro, aplaudido, o sujeito tem que começar a ser aplaudido. Para dizer “Bom-dia”, primeiro vem o aplauso... Af, não pode. Tem que descer pro comum dos mortais.

**O Galo** — Então, há quadros de pessoas realmente capacitadas?

**Diógenes** — Qualificadas, no Brasil inteiro. A Universidade brasileira tem gente da maior qualificação. Universal! O Brasil tem gente capaz pra tudo, na Universidade.

**O Galo** — O índice de empreguismo nas Universidades tem sido focado por matérias da imprensa. O que o senhor, como ex-reitor, diz da universidade, de maneira geral?

**Diógenes** — Eu diria que o meu período, como reitor, foi importante para ela porque foi uma fase de mudança para uma grande participação do corpo discente, do corpo administrativo, do corpo docente. Foi uma fase muito criativa e também de grande projeção para a UFRN no plano nacional. Ela liderava os funcionários das universidades brasileiras através da Fabsubra (Federação dos Servidores das Universidades Brasileiras), cuja presidência era aqui. A presidência do Conselho de Reitores era daqui, e os funcionários, os professores, tiveram uma atuação nacional.

Por outro lado, consegui abrir caminho à participação estudantil, porque na época era proibida que o estudante tivesse qualquer participação (*no vigência do Decreto 477*). A UNE (União Nacional dos Estudantes) era considerada ilegal, e tudo era ilegal. E eu recebi a UNE, como presidente do Conselho de Reitores, e fui intermediário, muitas vezes, das reivindicações dos estudantes junto ao Ministério.

Mas, quer dizer: foi uma época de crescimento, em todos os setores. Por exemplo, na memória da Universidade. A Universidade fez um projeto de música e foram editados pela Escola de Música trinta long-plays, trinta e um para ser preciso. Com mais de 300 músicas do Rio Grande do Norte, todas de autores do Rio Grande do Norte, populares, eruditas e folclóricas. Na TV, por exemplo, se fez o Programa “Memória Viva”, que tem gravação com mais de 100 personalidades. Temos hoje o maior acervo de literatura de cordel do Brasil.

Não só a área física de nossa biblioteca (Zila Mamede), que dobramos de tamanho, mas também no acervo, quando compramos mais de cem mil livros. Mais do que todo o outro tempo da Universidade junto. Publicou-se muito, também: teses, monografias, trabalhos, chegaram a mais de 500.

**O Galo** — Teria havido dentro da Universidade alguma repercussão dos seus livros, publicados enquanto reitor. “A Universidade Criativa” (1980), “A Universidade Receptiva” (1979), “O Compromisso da Universidade” (1979) e “Universidade para o Rio Grande do Norte” (1979)?

**Diógenes** — Acho que a minha época foi um período de muito crescimento da Universidade; um período muito movimentado.

**O Galo** — Falemos da revisão da Constituição, marcada para outubro, e que tem recebido críticas desestimulantes da OAB e da Igreja, entre outras instituições da sociedade. Como o senhor está vendo essa perspectiva?

**Diógenes** — Eu digo que o Brasil é o país dos direitos sem os deveres. E não existe isso. A cada direito corresponde um dever e a cada dever corresponde um direito. Mas aqui há mania de se colocar na lei direitos sem deveres. Então, se estabeleceu uma quantidade muito grande de direitos, e o povo está cobrando, sem condições de receber. Por exemplo: uma das coisas que se falou af é a abertura ao capital estrangeiro. Quando o mundo inteiro, a partir de Fidel Castro, fica procurando o capital, o Brasil fechou as portas ao capital estrangeiro. Isso não existe. São revisões importantes que têm que ser feitas. As responsabilidades dos Estados, por exemplo. Para mim, a revisão tem que ser total. Repare: o Estado pode desapropriar, tomar o que quiser. Af, se estabeleceu o prazo de pagar-se em oito anos. Pior ainda: com uma inflação dessas, você vai à precatória, ele não corrige até o dia do pagamento. Consequentemente, é uma piada a desapropriação.

**O Galo** — O senhor podia explicar sua atuação como chefe brasileiro do Projeto Formação de Quadros Dirigentes, desenvolvido pelo governo do Estado com apoio da Sudene, e que foi executado pelo Instituto de Reconstrução Industrial (IRI) tendo participação do Instituto Bettelle de Genebra, em 1973? Que benefícios trouxe para o Estado esse projeto?

**Diógenes** — Era estudar o Estado inteiro para ver qual sua potencialidade e aplicá-la ao máximo. Por exemplo: mostrou o estudo de porcelana e que poderia ser feito aqui. O estudo deu na Porcela (*Beatriz, atual Porcelana Brasileira*), que depois fechou. Haveria estudos para trabalho relativo ao couro,



que é feito aqui pelo J. Motta. Haveria estudos sobre algas, produção de camarão e outras coisas. Além disso — e o mais impressionante — havia formação de quadros dirigentes. Esse, sim, é que era o belo projeto. Tudo na época de Cortez.

**O Galo** — Ele ficou acuado, de mãos amarradas?

**Diógenes** — Tudo na vida era chamado de “corrupto”. Por exemplo: a mulher dele (*Alfa Cortez*) deu 36 sutiãs, trinta e seis, três dúzias de sutiãs para uma casa de mocinhas. Aí, saiu na capa de uma revista dizendo que eram “36 mil sutiãs”. Aí, saiu no “Jornal do Brasil”, no “Globo”, e uma charge, arrodando o globo (*terrestre*), fazendo os cálculos, um sutiã mede tanto, dava pra arrodar o globo. Depois se provou, não era nada disto. Ele estava desenvolvendo o Estado. Mas, tudo que ele fazia foi posto em dúvida e considerado uma coisa errada.

**O Galo** — O que motivou isto? Um fato político?

**Diógenes** — Um fato político que destruiu tudo isto. Por exemplo: os empresários italianos que vinham para cá fazer grandes indústrias, deixaram de responder. A turma tinha medo. Deixaram de responder as cartas dele.

Só não foi totalmente perdido porque sobrou alguma coisa, como a Porcelana... Se eles fizessem doze grandes indústrias no Rio Grande do Norte, mudava isso aqui. Eu acho que Cortez ainda hoje é subaproveitado nas suas idéias. É um homem de grandes idéias.

**O Galo** — E Cortez tem vinculação com oligarquias? Com grupos políticos?

**Diógenes** — Repare bem as oligarquias, todo mundo manda. Agora, Cortez teve a infelicidade de brigar com um general. E um general forte. Foi o general Meira Matos (*comandante da 7ª Brigada de Infantaria Motorizada*). Era um homem forte. Era um intelectual e um homem fortíssimo do regime. E Cortez desafiou o general. O general quis mandar e deu uns cortes no governador. Cortez desafiou o general e caiu na desgraça. A partir daí desmantelou tudo; ele quase foi preso. Foi determinado. Aqui, o juiz condenou ele. Depois o Tribunal condenou e eu virei, no Tribunal...

Cortez inventou uma “animação”. Houve muita coisa: foi o Castelão, o Centro Administrativo, essa estrada ligando Natal para Ponta Negra, as Vilas Rurais, o Projeto Bicho da Seda. Enfim, foi muita coisa, assim, de ebulição.

**O Galo** — E por essa época, que cargo o senhor ocupava?

**Diógenes** — Fui, primeiro, presidente da Fundação José Augusto, que abriu 150 bibliotecas no Rio Grande do Norte, uma em cada município, depois, fui secretário de Educação. Era uma ebulição; uma festa.

**O Galo** — A conversa está muito saudosista mas, falando-se de hoje, o que é que se poderia fazer? Como vê as perspectivas para o Estado?

**Diógenes** — É muito fácil desenvolver o Rio Grande do Norte, se a nação quiser. Quais são as fontes de riqueza? O turismo, primeiro. Pode viver sozinho do turismo, embora muitas outras riquezas possam ser exploradas. Explorando essas riquezas, voltando para a educação, sendo um modelo para o país, no meio do Nordeste, você faria um Estado desenvolvido com muita facilidade. Com coragem, vontade, união. Acho que tem condições para isso.

**O Galo** — Discute-se, dependendo da votação no Congresso, a instalação de cassinos em Natal. O que o senhor acha da idéia?

**Diógenes** — Pra mim é ótimo. Você traria estrangeiro para jogar. Dinheiro que fica aqui, grande bola, bola de dinheiro. O dinheiro semeando o emprego que se cria aqui; é coisa pra valer.

Os Estados Unidos têm uma região mais pobre do que esta, cem vezes mais pobre, que é o Texas, uma porqueira de terra, muito pior, cem vezes pior que o Rio Grande do Norte, e eles fizeram Las Vegas, que é altamente desenvolvida. A riqueza do mundo todinha está lá. Porque eles deixam de ser moralistas, mas ganham dinheiro e fazem desenvolvimento.

**O Galo** — O senhor acredita no Projeto “Ribeira Velha de Guerra”?

**Diógenes** — Acredito. O Rio Grande do Norte deveria investir. Pra mim o governo deveria ter como prioridade na economia o turismo. Porque dá pra tudo, aqui. Eu vivo brigando com a FJA através do Marco de Touros, pra fazer um monumento ao Marco. É o mais antigo objeto da Europa nas Américas. Tem mil coisas pra mostrar. Agora eu fiz uma frase sobre a (praia de) Pipa, que é verdade: eu disse que é “a Saint Tropez do Nordeste”. Pipa transformou-se, é outro mundo aquilo ali. Isto é lugar de riqueza, de trazer riqueza, tomar o dinheiro desse povo do mundo todinho, pra botar serviços aqui, trabalho pra essa região. Isso aqui não precisa de muita coisa, não.

**O Galo** — Como o senhor está vendo nosso quadro político? Poderia haver uma modificação, uma entrada de alma nova, de sangue novo?

**Diógenes** — É sempre boa uma renovação. E há gente muito qualificada. A renovação é sempre boa.

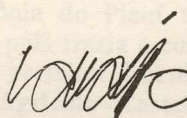
# Cultura em Discussão

O novo Ministro da Cultura, Embaixador Jerônimo Moscardo prestou declarações sobre seus planos a frente do Ministério, preocupado com os poucos recursos destinados à Cultura no Orçamento da União.

Suas idéias de promoção, preservação e difusão cultural se enquadram na luta que empreendemos no sentido de definição de uma política cultural que seja abrangente, democrática e livre.

As casas de cultura que o Ministro pensa instalar em cada um dos municípios brasileiros enquadram-se perfeitamente na batalha que assumimos de transformação das Bibliotecas Públicas Municipais em centros de difusão cultural. Não há necessidade de criar novas estruturas. As bibliotecas cumprem perfeitamente essas funções, desde que se consiga mudar toda uma ideologia que encara as bibliotecas como meros depósitos de livros. Torná-las atuantes, envolvendo as associações comunitárias, Escoteiros, Clubes de Serviços, idosos, jovens, pastorais, arregimentando os produtores culturais, os mais humildes e menos favorecidos pelo poder público, para exercerem suas atividades em consonância com as bibliotecas. Comemorar eventos, pintar a cidade com painéis dos artistas locais, expor as poesias do poetas da cidade, registrar os fatos de nossa nacionalidade e nossa cultura, esclarecer os direitos constitucionais, estimular as ações mais simples de cidadania como o catecismo e o serviço militar, como forma de apoiar a construção das idéias do cidadão.

Assim, as bibliotecas serão CASAS DE CULTURA.



**IAPERI ARAÚJO**  
Presidente da Fundação José Augusto

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**

José Agripino Mala

**PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO**

Iaperi Araújo

**CONSELHO EDITORIAL**

Celso da Silveira

Edna Duarte

Franco Jasiello

Iaperi Araújo

Deffilo Gurgel

**EDITORA**

Auricéia A. de Lima - DRT 257

**DIAGRAMAÇÃO, PROGRAMAÇÃO VISUAL E ARTE FINAL**

Gilberto Alves

Falves Silva

**REVISÃO**

Rômulo Robson

Afrânio Pires

**COLABORAÇÃO**

Socorro Leite

Maria Eleonora

**COMPOSIÇÃO**

Pedro Lopes A. Neto/Hugnelma Almeida

**FOTOLITO**

Cícero Inácio da Silva

**Redação:** Rua Jundiaf, 641 - Tirol - Natal - Rio Grande do Norte - CEP 59.020 - Tel.: (084) 221-2938.

A editora de O GALO não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião desta revista.

**Composição, Fotolitos e Impressão:** Gráfica Manimbu - Rua Açú, 666-A - Tirol - Tel.: 221-2938.



## O GALO

REVISTA DE CULTURA  
Ano V - Nº 15 - 1993  
Instituição de Cultura do Rio Grande do Norte - Fundação José Augusto



**DIÓGENES DA CUNHA LIMA**  
O Homem por inteiro

CAPA - Gilberto Alves e Falves

FOTO CAPA - Luiz Henrique

**SUMÁRIO**

- 03 - Entrevista
- 08 - Editorial
- 09 - Vanguarda
- 10 - Memória
- 13 - História
- 14 - Poesia
- 15 - Aviação
- 16 - Poesia
- 17 - Religião
- 18 - Artes Plásticas
- 19 - Literatura
- 20 - Informe Publicitário
- 22 - Informe Publicitário
- 23 - Política
- 24 - Pesquisa
- 26 - Aviação
- 28 - Teatro
- 29 - O Galo Conta
- 30 - Ensaio
- 31 - Crítica
- 32 - Homenagem
- 33 - Informe Publicitário
- 34 - Cartas

# JOSÉ AUGUSTO: UMA ADMIRÁVEL VIDA PÚBLICA



José Augusto

Luiz G. M. Bezerra

*"... É preciso que os políticos se compenentrem de uma verdade: foram eleitos para servir, não para serem servidos".*

*"... Sempre fui e se-lo-ei ETERNAMENTE contra a violência que nada constrói e contra a corrupção que a tudo degrada".*

*"... Cheguei ao fim da luta política com a mesma falta de recursos de que quando entrei".*

José Augusto

Uma infância feliz e saudável como que prenunciando uma vida rigorosamente digna, voltada para o "OUTRO", na "SIMPLICIDADE e na GRANDEZA E ESPÍRITO.

**J**OSÉ AUGUSTO BEZERRA DE MEDEIROS, nasceu em Caicó a 22/10/1884, quando seu pai, nascido e criado no Acari, para aquela cidade fôra lecionar latim/ francês. O aprendizado de suas primeiras letras com os professores Manoel Hipólito Dantas e Maria Leopoldina de Brito Guerra. A carta do ABC com sua mãe Cândida Olindina de Medeiros.

Extintas aquelas cadeiras, a família retornou a Acari, fixando residência no "Sítio Ingá", onde JOSÉ AUGUSTO viveu até os 12 anos de idade. O primário estudou com o professor de muitas gerações, Tomaz Sebastião de Medeiros, e música com o inolvidável Tonheca Dantas.

Em Natal, quando esteve pela primeira vez (6/ 7 anos), estudou com os professores Adelaide Câmara e Zózimo Platão de Oliveira Fernandes.

Sobre o culto à FAMÍLIA, assim referiu-se JOSÉ AUGUSTO, lembrando as pregações que fazia seu pai e seu avô no passado:

*"Santa Instituição a que todo homem tem o dever de venerar e preservar, sobretudo na época em que vivemos — de acentuada e universal tendência de dissolução dos bons costumes, da moral enfim".*

No "Sítio Ingá", quando criança, vivia feliz a usufruir a belíssima paisagem do "Bico de Arara", de cujo nome parecia estar vendo o mundo. Além, a observação das andorinhas que ali chegavam quando o inverno se aproximava, para depois irem em revoada, num harmonioso voo-e-vem...

Com sua mãe e seus irmãos JOSÉ AUGUSTO colhia flores silvestres as mais variadas para adorno do Altar em frente do qual, no mês de maio, recitava-se o Terço de MARIA, acompanhado de "benditos" entoados por

todos; também nas celebrações de São João e São Pedro, além de N.S. da Vitória, de quem sua mãe era ardorosa devota.

No dia a dia do "Sítio Ingá", ajudando nos afazeres naturais da fazenda, mais por distração do que por obrigação, vemos JOSÉ AUGUSTO com seu irmão, tirando leite das vacas, levando este mesmo gado para a cacimba da bebida, transportando a ração do gado no curral, apanhando bezeros nascidos e viajando a pé ou a cavalo para estudar no Acari, distante quase seis quilômetros, tudo na mais pura simplicidade e dedicação.

HONRADEZ e DESPRENDIMENTO na formação de seu CARÁTER. INTELIGÊNCIA, HABILIDADE, SIMPLICIDADE, na base de sua VOCAÇÃO.

Em seu pai Manoel Augusto, lembramos o professor de latim e francês, digno, comerciante e pequeno agricultor... Em José Bernardo de Medeiros e Silvino Bezerra de Araújo Galvão, seus avós, incontestáveis lideranças políticas no Caicó e Acari, José Bernardo, herói da Guerra do Paraguai, delegado, vereador e senador, Silvino Bezerra, 50 anos sem derrotas políticas, inteligência singular, figura boníssima. Todos muitíssimo contribuíram para sua formação.

Neste interim deixa o Acari, "uma meia aldeia, embora fosse uma vila", depois que o seu pai mandou imprimir uma explicação e distribuindo aos seus amigos e parentes do Seridó, justificando o motivo de sua retirada da região: buscar na capital a instrução dos filhos.

Aos 13 anos de idade vem residir em Natal na casa do seu tio Manoel Dantas, intelectual dos mais conceituados de sua época. Possuía uma biblioteca enorme onde JOSÉ AUGUSTO passava horas. Assim se manifestou JOSÉ AUGUSTO no falecimento de Manoel Dantas: "O Rio Grande do Norte sofreu uma perda sensibílissima com o falecimento do Doutor Manoel Dantas, que era uma figura que honrava a nossa terra por muitos e variados títulos. O Doutor Manoel Dantas exerceu no Rio Grande do Norte por mais de trinta anos uma atuação constante e sempre benéfica. Professor, advogado, jornalista, administrador, iniciador de várias associações altruísticas, representante do Estado nos diversos congressos científicos a que o Rio Grande do Norte teve de comparecer, o nosso dileto conterrâneo soube sempre elevar muito alto o nome de nossa terra e era bem uma força poderosa com que contávamos para o advento de dias cada vez melhores para a sociedade rio-grandense". Não se pode af negar a forte influência do Dr. Manoel Dantas na formação da cultura de JOSÉ AUGUSTO.

Ingressou no Atheneu, foi líder estudantil incontestado, pela sua inteligência e invulgar capacidade de congregar colegas sempre em prol das boas causas. O Atheneu era o único estabelecimento de ensino secundário em Natal e do Rio Grande do Norte, onde mantinha de 80/100 alunos.

Foram seus professores: história — Diógenes da Nóbrega; francês — Hermógenes Joaquim Barbosa Tinôco (formado em Paris); física, química e história natural — Dr. Manoel Segundo Wanderley; geografia — Joaquim Manoel Teixeira de Moura; geometria e trigonometria — Manoel Garcia; inglês — Cel. Odilon do Amorim Garcia; português — Pedro Alexandrino dos Anjos; latim — João Tibúrcio, “que sabia a matéria até dormindo”, era o mais notável; aritmética e álgebra — Zózimo Platão de Oliveira Fernandes.

Entre seus colegas de Atheneu, eram figuras predominantes, Andronico Gurgel de Brito Guerra, irmão do Des. Felipe Guerra, Manoel Varela Santiago Sobrinho, Pedro Odilon do Nascimento (nascido em Macaíba), e José Gotardo Neto, que tornou-se um dos nossos maiores poetas. Depois de formado voltou ao Atheneu, agora como diretor e professor de geografia, história geral e do Brasil (de 1906/1910).

Alguns depoimentos de seus alunos:

“Sem VAIDADES, sem AMBICÇÕES, inteiramente voltado aos interesses da coletividade... Forte pela inteligência, admirável pelo saber, grande pelo coração, inflexível pelo caráter...” (Lélio Câmara).

“Tão somente ao meu mestre abalisado de História Universal, ao meu amigo reto e bom, abraço com calor e afeto, circundando os braços ambos em torno de sua figura moral de gigante...” (Karginaldo Cavalcanti).

“Guardaremos sempre a alta sabedoria de suas lições e o valimento de seus exemplos profícuos...” (Bartolomeu Fagundes).

“Voz muito doce, o riso inviolavelmente saltando-lhe nos lábios, aquele tipo de mestre era justamente o contraste do que eu julgava...” (Dioclécio Duarte).

“JOSÉ AUGUSTO é um desses homens que vieram ao mundo para praticar o BEM...” (Aduato Câmara).

“Fácil de ser elogiado. Difícil de ser imitado...” (Luiz da Câmara Cascudo).

Em Recife, de 1901 a 1905 cursa a Faculdade de Direito, onde ingressou aos 16 anos de idade.

Concluindo aos 21 anos, foi eleito orador da turma, sendo o “sábio e santo” Clóvis Beliváqua o paraninfo.

Era o escolhido pelos colegas para saudar, em nome da classe, os grandes vultos que chegavam ao Recife, como ocorreu com Joaquim Nabuco e Santos Dumont entre outros.

Foram seus professores figuras notáveis: Clóvis Beviláqua, ensinava Legislação Comparada sobre o Direito Privado; Dr. Adolfo Cime, paraibano e civilista; Dr. José Vicente Meira de Vasconcelos, internacionalista, além de grande sabedor da matéria, era um grande orador; dois professores que exerceram grande influência na Faculdade: Failant da Câmara, Direito Criminal e grande tribuno, e Gervásio Fioravanti, grande poeta; Dr. Virgíno Marques Carneiro Leão, lecionava Filosofia do Direito.

Os colegas na Faculdade: o amazonense Eleodoro Barbe, figura dominante e brilhante, grande orador, com curso distinto; Luiz Estevam de Oliveira, pernambucano, depois de formado entrou para a magistratura, chegando a ser Juiz no Pará. Pernambuco e Rio de Janeiro onde foi figura notável; os paraibanos Tavares Cavalcanti e Afonso Campos; Gilberto Amado; Aldemar Tavares; Siqueira Carvalho, foi para o Rio Grande do Sul onde faleceu, se destacou na poesia; a colônia do Piauí toda ela se destacava, pois trazia o curso ginásial rigoroso e perfeito: Lucrécio Dantas Avelino, Agrícola Castelo Branco, Frederico Castelo Branco Clark que foi Embaixador no Vaticano e Paris.

Formado no CARÁTER e no SABER, segue-se uma ADMIRÁVEL vida pública

JOSÉ AUGUSTO, homem de rara inteligência e prodigiosa memória, dedicou-se a numerosas atividades, principalmente as de caráter educacional. A convite de Draudt Olivei-

ra, organizou o Instituto de Educação Econômica, daí surgindo as ligações que o levariam à presidência da Associação Comercial do Rio de Janeiro e das Associações Comerciais do Brasil, sem jamais ter sido comerciante.

Também nunca foi indústria, contudo dirigiu uma empresa com quatro fábricas, 5.300 operários e 4.000 máquinas, à época uma das maiores no seu ramo.

Foi Presidente e Membro do Conselho Nacional de Economia, da Academia Brasileira de Educação, tendo sido reeleito por quatro vezes.

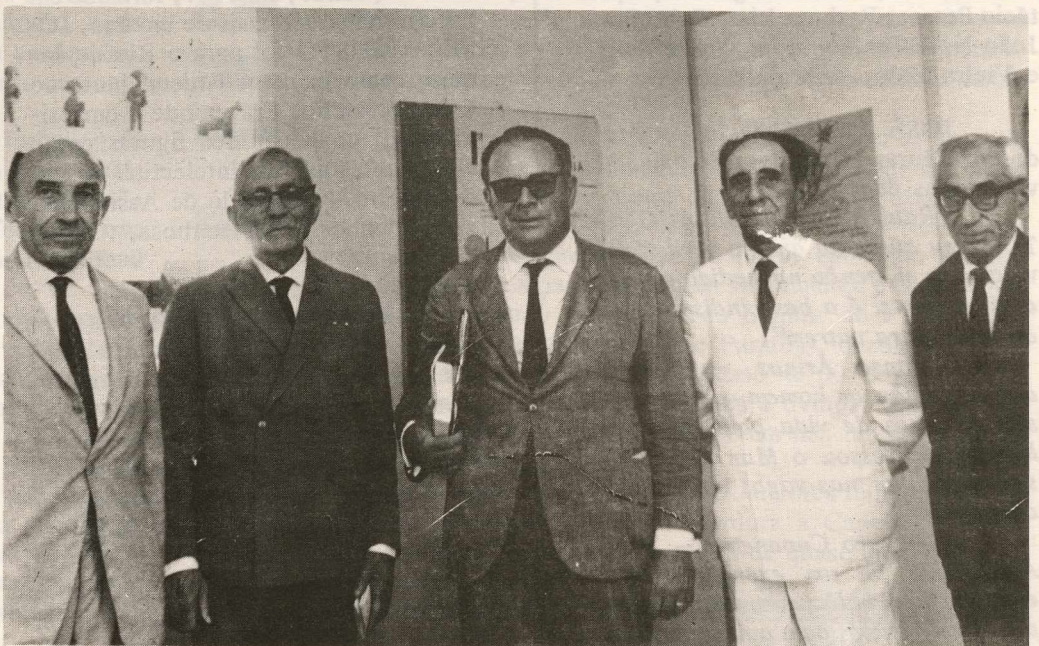
Representou o Brasil em Paris e Buenos Aires, em importantes congressos.

Membro de mais de uma centena de entidades culturais do Brasil e exterior, sendo possuidor de dezenas de condecorações as mais importantes, embora nunca as tivesse usadas em qualquer momento.

No seu Estado esteve sempre atento aos problemas agro-industrial, secas e açudagem, sal, minérios, Universidade Federal, Liga do Ensino, Liga Artística Operária, Instituto Histórico e ao cooperativismo, entre outros.

Nas lides jornalísticas, registrou suas passagens pelas revistas “A Educação” e “Revista Brasileira de Educação”, tendo colaborado com centenas de artigos nos periódicos cariocas “Jornal do Comércio”, “Jornal do Brasil”, “Diário de Notícias” e “O Jornal”.

De sua bagagem bibliográfica, constam mais de vinte livros, destacando-se “Porque Sou Parlamentarista”, “Presidencialismo versus Parlamentarismo”, “Representação Profissional na Democracia”, “Ante-Projeto da Constituição Face a Democracia”, “Pela Educação Nacional”, “Eduque-mo-nos”, “O Rio Grande do Norte no Senado da República”, “O Sal e



Manoel Rodrigues de Melo, José Augusto, Rômulo Wanderley, Sandoval Wanderley e Aderbal França (Danilo).

o Algodão na Economia Potiguar”, “Famílias Seridoenses” e “O Seridó”.

José Augusto foi eleito pela primeira vez Deputado Federal aos 21 anos de idade. Estreou na tribuna da Câmara com um notável discurso sobre os problemas da Educação no país.

Ao lado de Raul Pila, na Câmara Federal, pugnou sem tibiezas e sem cansaço pela vitória do Parlamentarismo.

Como político foi Deputado Estadual (2 vezes), Deputado Federal (6 vezes), Senador (2 vezes) e Governador do Estado (1924/1927) sempre pela oposição.

Quando o Congresso foi dissolvido, sem mandato, JOSÉ AUGUSTO ganhou o mundo para tratar de sua vida. Arranjou um lugar de agente de seguros na “Equitativa” e passou a percorrer o interior do seu Estado, do Piauí, da Paraíba e Ceará, e ganhava até mais que como Senador.

Assim se manifestou JOSÉ AUGUSTO quando derrotado no último pleito para Deputado Federal e que o afastou da vida pública: “Considero que minha derrota no caso, decorreu do seguinte: já havia esgotado minha capacidade representativa. O Estado estava precisando de elemento de outra categoria. É que a democracia estava tomando uma nova tonalidade, para qual eu não estava preparado. Eu sou da democracia liberal. A de hoje é democracia mercantil: voto, mercadoria, esta eu não posso representar; não posso, não devo e nem quero representar. Nenhuma mágoa de ninguém. Acredito que a derrota ocorreu da evolução da democracia”.

As figuras que mais impressionaram JOSÉ AUGUSTO no Congresso: Rui Barbosa, Pedro Moacir, Augusto de Freitas, Carlos Peixoto, Francisco Sá, João Mangabeira, Epitácio Pessoa, Barbosa Lima Sobrinho, João Neves da Fontoura, Prado Kelly e Vieira Melo, entre outros.

JOSÉ AUGUSTO foi lembrado por figuras expressivas do país. Afirma alguns depoimentos:

“Raul Pila — JOSÉ AUGUSTO viveu quarenta anos a verdadeira vida para si, senão na medida em que o viver por si é a base indispensável do viver para outrem”.

“Afonso Arinos — Tivemos diante de nós um homem que atravessou 40 anos de vida política, como Moisés atravessou o Mar Vermelho, sem se molhar nas vagas da lama da corrupção”.

“Gustavo Capanema — JOSÉ AUGUSTO foi um exemplo: foi o exemplo do cidadão que, pela cultura, pela inteligência, pela autoridade, pela postura, pela dignidade moral, pela afanosa diligência, por todo um

conjunto de qualidades morais e intelectuais e de dotes cívicos, inclusive pela suavidade de seu temperamento, pelo seu sorriso, pela sua resistência física na tribuna, pela sua energia de expressão, constitui o exemplo vivo do parlamentar completo. Apontemos, pois, este parlamentar como modelo para a carreira política e honremos nele, não apenas o homem merecedor de nossa admiração, mas um padrão para a mocidade”.

“Nereu Ramos — JOSÉ AUGUSTO saiu desta casa mais pobre do que quando aqui entrou, porque cuidou do bem público mais do que seu próprio bem”.

JOSÉ AUGUSTO conviveu com Juvenal Lamartine por mais de 50 anos e sobre ele disse: “Não há exagero em afirmar que, entre os dirigentes com que o Rio Grande do Norte contou na sua trajetória política, nenhum a ele sobrepujou no conhecimento dos problemas vitais da região e na procura de soluções por ele reclamadas, na ânsia de ver a gente nordestina cada vez menos sofredora e a participar de um melhor quinhão de bem estar no seio da família brasileira”.

O seridoense JOSÉ AUGUSTO destacou a figura do outro seridoense Amaro Cavalcanti, dizendo: “Foi um homem público do maior destaque no país. Nascido em Jardim de Piranhas, homem pobre, aprendeu o latim e ganhou o mundo. Foi Ministro da Fazenda, da Justiça, do Supremo Tribunal Eleitoral, do Brasil e no Exterior, Prefeito do Distrito Federal, Senador da República, diplomata, grande juriconsulto e irmão do Padre João Maria. Eram um sábio e um santo”.

Quando, em 1907, formado em Direito há pouco mais de um ano, JOSÉ AUGUSTO foi para o Rio de Janeiro como Inspetor Federal junto ao Colégio Abílio. Era grande a curiosidade por conhecer três figuras então culminantes na vida intelectual do Rio de Janeiro — Machado de Assis, Teixeira Mendes e Rui Barbosa.

De Machado de Assis lera tudo quanto havia escrito. Passou a frequentar a Livraria Garnier, aparentemente para ver os livros novos que chegavam da Europa, mas realmente para se aproximar do homem de letras, presidente da Academia, aclamado por seus colegas como o maior da literatura brasileira, que ali frequentava sempre cercado pelo grupo que diariamente se reunia — Raimundo Soares, Alberto de Oliveira, Luiz Murat, Mário de Alencar, Nestor Victor e outros.

Aos domingos, ia invariavelmente, ao templo positivista, à rua Benjamim Constant, para ouvir a palavra de Teixeira Mendes na sua pregação, plena de erudição e de saber, ouvida por uma assistência numerosa e seleta, pelos adeptos da religião da humanidade, no Brasil.

A Rui Barbosa conseguia JOSÉ AUGUSTO encontrá-lo, não raras vezes, na Livraria Brigueit, então na rua São José, a que ele comparecia para escolher, dentre o que de mais novo as livrarias européias mandavam para ali, tudo quanto havia de melhor e mais ao saber dos seus estudos preferidos.

Naquela época os três — Machado de Assis, Teixeira Mendes e Rui Barbosa, eram para JOSÉ AUGUSTO como que uma espécie de semideuses.

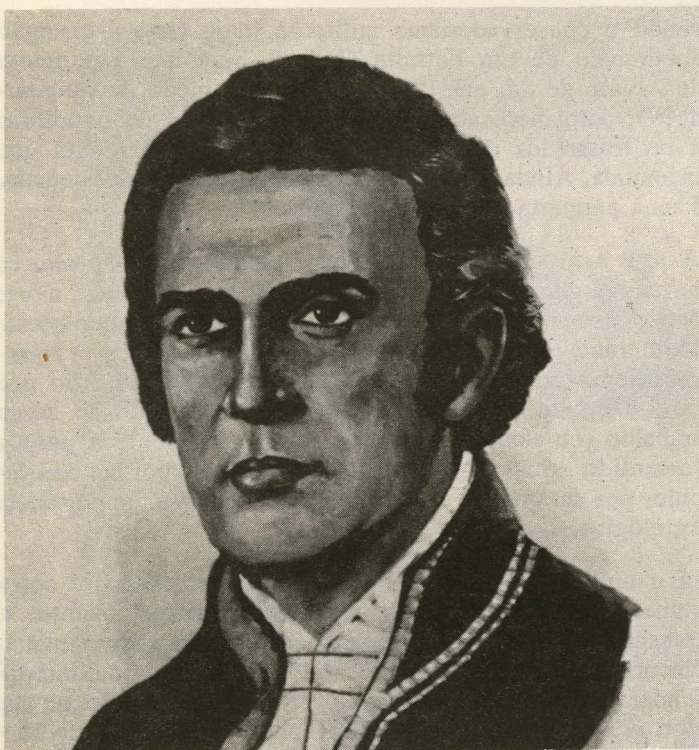
Após sua passagem por mais de 40 anos pela vida pública, a Câmara de Deputados promoveu no dia 31 de janeiro de 1955 uma sessão solene homenageando JOSÉ AUGUSTO na sua despedida da casa, quando todos os representantes de partidos discursaram, relembando aquele estadista que as últimas gerações conheceram e admiraram como exemplo.

Sua última viagem a Natal ocorreu por onze dias, em maio de 1967, aos 83 anos de idade, e já cego, tendo visitado, como costumeiramente fazia, seus melhores amigos e instituições, cujos nomes relacionava no decurso da viagem Rio/Natal. Nesta vinda a Natal fez 86 visitas, principalmente aos mais velhos e enfermos. Tais visitas ocorriam indiferentemente de serem ou não correligionários políticos.

A vida de JOSÉ AUGUSTO foi toda ela dedicada ao bem público, na modéstia e na simplicidade, na grandeza e no despojamento. Além de pequena pensão e dois apartamentos, nada deixou para os seus, somente um nome respeitado e honrado.

Muitos dos tópicos deste trabalho, foram colhidos de uma entrevista de mais de 10 horas, gravada ao vivo, em etapas que fizemos com JOSÉ AUGUSTO, bem como mais de duas centenas de cartas que relatam, quase sempre assuntos de família e amenidades.

JOSÉ AUGUSTO faleceu no Hospital dos Servidores do Estado, em 28 de maio de 1971, aos 86 anos de idade, tendo sido sepultado no jazigo perpétuo número 19.442, ala 5, junto à quadra número 20, do Cemitério São João, no Rio de Janeiro.



O Cel. André de Albuquerque Maranhão (1773-1817)

Olavo de Medeiros Filho

Jerônimo de Albuquerque assumiu o governo da capitania do Rio Grande, no dia 7 de julho de 1603. No ano seguinte, concedeu ele aos filhos infantes, Antônio e Matias de Albuquerque, cinco mil braças de terra em quadra, na várzea do Cunhaú. Logo surgiu o primeiro engenho da capitania, o tradicional Engenho Cunhaú, cenário de tantas páginas da nossa história norte-rio-grandense.

Depois de ter participado da Jornada do Maranhão, em 1614, como capitão-mor da reconquista da região aos franceses, Jerônimo de Albuquerque, que acrescentara ao seu nome o agnome Maranhão, governou aquele território maranhense. Faleceu ele no seu Engenho Cunhaú, a 11 de fevereiro de 1618, sepultando-se na capela por ele edificada naquela sua propriedade rural. A sua lousa tumular ainda existe naquele templo religioso.

Cunhaú tornou-se o principal núcleo econômico da capitania do Rio Grande. em 1630, o Engenho de Cunhaú produzia de 6 a 7.000 arrobas (88 a 103 toneladas) de açúcar, ali morando 60 ou 70 homens com suas famílias. Durante o período do domínio holandês, Cunhaú foi confiscado, passando às mãos de diversos proprietários. Após a expulsão dos flamengos, o engenho reverteu ao domínio da família Albuquerque Maranhão, que ali permaneceu até a terceira década deste século.

A capelinha edificada pelo capitão-mor Jerônimo de Albuquerque, quando da fundação do engenho em 1604, foi retratada pelo artista flamengo Frans Post, constando do famoso livro de Barléu, que trata do período em que o conde João de Maurício de Nassau governou o Brasil Holandês.

O episódio mais marcante, havido na capela de Cunhaú, foi o massacre ali ocorrido na manhã de 16 de julho de 1645, em pleno período em que os holandeses senhoreavam a capitania do Rio Grande. Nele pereceram moradores do engenho e de suas redondezas.

Tapuias janduis e potiguares chefiados pelo alemão Jacob Rabbi, em número de 500 indivíduos, perpetraram uma chacina na capelinha, por ocasião de uma missa cujo celebrante era o padre André de Soveral, ancião de 73 anos de idade. O número de vítimas do massacre varia conforme os diversos cronistas que o descreveram: entre 35 a 80 pessoas.

As vítimas foram, em seguida, devoradas pelos ferozes tapuias, inclusive o próprio padre Soveral. O massacre

do engenho marcou o início da insurreição pernambucana contra a presença holandesa, somente encerrada em janeiro de 1654.

O mais ilustre filho de Cunhaú foi André de Albuquerque Maranhão, o segundo do nome, nascido naquele engenho no ano de 1773. Foram seus pais, o Cel. André de Albuquerque Maranhão — 5º senhor hereditário de Cunhaú — e dona Antônia Josefa do Espírito Santo Ribeiro.

Nos anos de 1800 a 1801, Andrezinho morou na vila do Recife, tendo participado de uma conspiração republicana, conhecida na nossa história como a conspiração dos Suassunã, liderada pelos irmãos Francisco de Paula, José Francisco e Luís Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.

Em 1810, o Engenho Cunhaú foi visitado pelo inglês Henry Koster, que dedicou várias páginas do seu livro **Travels in Brazil** ao Engenho Cunhaú e ao seu proprietário, André de Albuquerque Maranhão.

Andrezinho do Cunhaú, como era conhecido aquele André (2º), foi Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, por patente de 22 de agosto de 1811, e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Com o falecimento do seu genitor, ocorrido a 26 de setembro de 1806, Andrezinho assumira a patente de Coronel da Cavalaria Milicianã da Divisão do Sul, da Capitania do Rio Grande do Norte.

Andrezinho do Cunhaú liderou a Revolução Republicana de 1817, na então capitania do Rio Grande do Norte, como chefe de uma Junta Governativa que assumiu o poder em Natal, no dia 26 de março de 1817. Na manhã de 25 de abril, partidários da monarquia promoveram a deposição do malgrado governo republicano, cujo chefe foi ferido a golpe de espada na região inguinal.

Conduzido ao calabouço da velha Fortaleza dos Santos Reis, ali veio a falecer o mais rico homem da capitania, na madrugada do dia seguinte, sem ter contado com a mínima assistência médica. Conduzido pelas ruas da cidade, inquirido a uma grossa vara, o cadáver de Andrezinho do Cunhaú foi sepultado na igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação, envolto em uma esteira. Antes do sepultamento, o cadáver foi vilmente esporeado por um realista exaltado, J. Álvares de Quental, por sinal um dos conspiradores de 1801...

Com a morte de Andrezinho, sobreveio uma intensa perseguição à família Albuquerque Maranhão, ocorrendo confisco de bens e prisões. Dona Antônia Josefa do Espírito Santo Ribeiro, mãe do herói da Revolução de 1817, faleceu tão logo recebeu a notícia do trucidamento do seu único filho varão.

Com o perdão concedido pela Coroa aos participantes da Revolução de 1817, ocorreu o inventário de dona Antônia Josefa, no ano de 1823. Os bens que haviam pertencido a Andrezinho foram inventariados na ocasião e distribuídos entre os seus familiares.

Através do exame procedido no processo de inventário, constata-se a grande riqueza em terras, escravos e engenhos, propriedades de André de Albuquerque Maranhão e de sua mãe. Cunhaú achava-se incorporado a três outras sesmarias — Jacuratama, Mucuri e Guaju, cada uma possuindo três léguas de terra. Os engenhos Tamatanduba e Graça completavam o mundo canavieiro do Senhor do Cunhaú. No sertão (Rio Grande do Norte e Paraíba), dezoito imensas fazendas de pecuária criaram quase 4.700 bovinos, mais de 640 cavalares, além de caprinos e ovinos. Cento e cinquenta e quatro escravos mourejavam nas terras de André de Albuquerque...

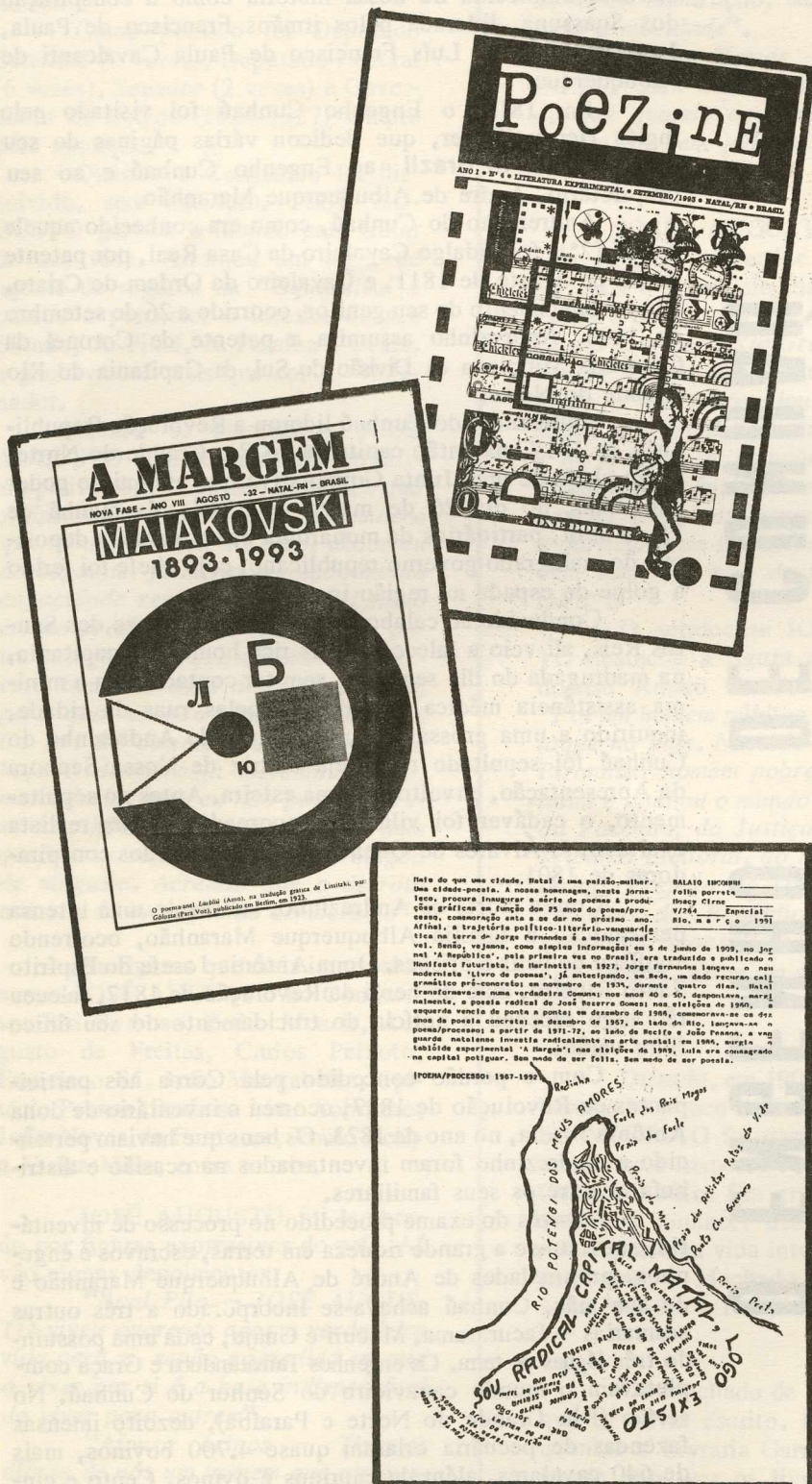
Cunhaú representa uma das maiores relíquias do Rio Grande do Norte. Ali ainda perdura a Capela de Nossa Senhora das Candeias, testemunha de quase quatro séculos da nossa História!

OLAVO DE MEDEIROS FILHO  
HISTORIADOR

## O ENGENHO DE CUNHAÚ

# QUEM TEM RAIVA DE VANGUARDA

Moacy Cime

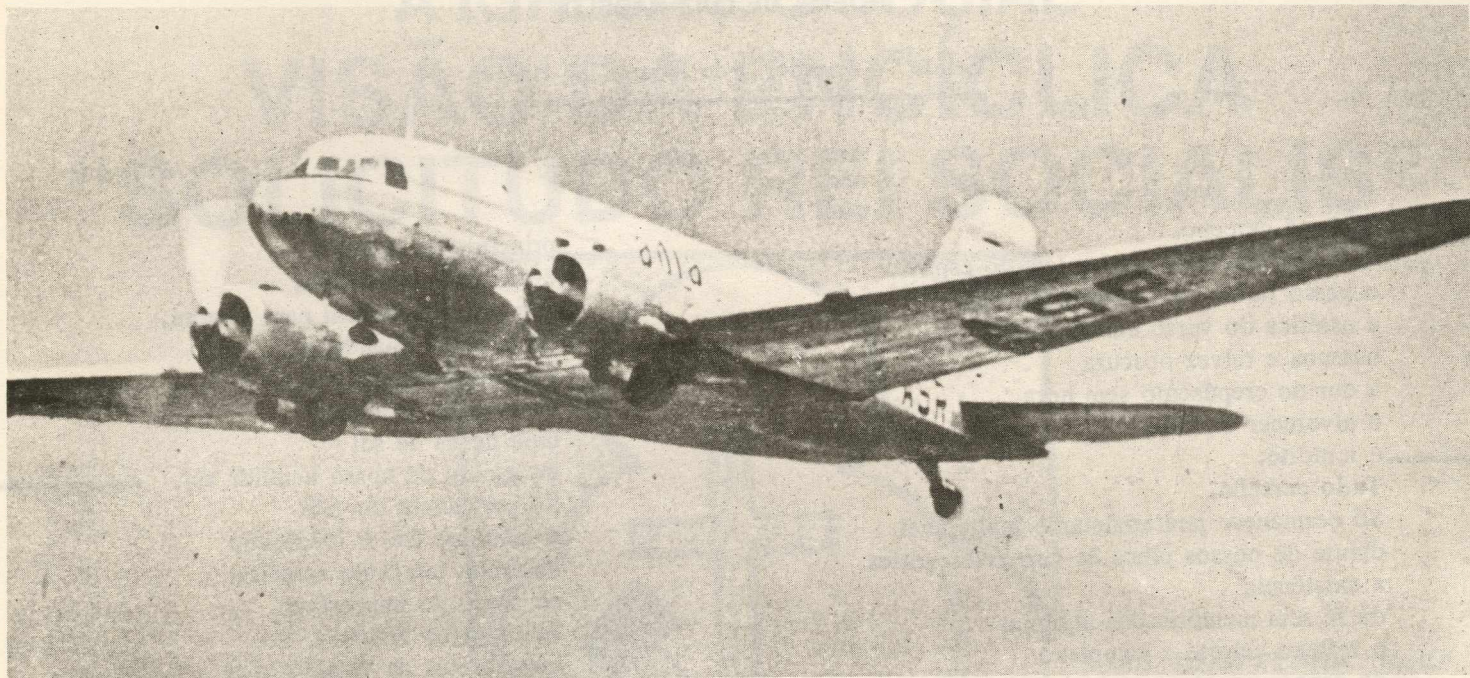


1. Não existe mais a necessidade político-literária de se defender a vanguarda — toda e qualquer vanguarda —, simplesmente porque não existe mais vanguarda, se tomarmos como referência crítica os modelos estéticos e semióticos dos anos 50 e 60. Mas também não faz o menor sentido em se decretar, raivosamente, a morte da vanguarda, como se fez nos anos 70. Se no primeiro caso estarmos apostando num retorno nostálgico sem nenhuma eficácia artística, literária ou antiliterária; no segundo caso estaremos apenas promo-

vendo o conservadorismo militante (haja vista o exemplo apodrecido de um Ferreira Gullar). Será que a pergunta de Álvaro de Sá, em 1967 (“Quem tem medo da vanguarda?”), permanece atual, tristemente atual? Para os idiotas e os frustrados da literatice, ainda é uma pergunta que incomoda. Ainda é uma pergunta que agride. Para os demais, é uma pergunta que ainda faz pensar.

A arte e a poesia não morreram, assim como não morreu a vanguarda. Transformaram-se. Mais do que nunca, a arte e a poesia — qualquer arte inquietadora, qualquer poesia inquietante — são necessárias. Mais do que nunca, a transgressão estética é necessária. A mesma transgressão que nos faz privilegiar, enquanto poetas, o produto do nosso trabalho (ou seja, o poema) e não propriamente a poesia (o sentido provocado, ou não, por um filme, por um crepúsculo, por um poema, etc.), apesar de toda a sua importância ontológica.

- Já o novo pelo novo (a novidade pela novidade) é coisa velha. Ao contrário da transgressão. Historicamente, a transgressão e a experimentação sempre impulsionaram o discurso artístico ou literário através de saltos qualitativos fundantes: basta ver, em nosso século, a produção de um Vertov, de um Godard, de um Glauber Rocha, de um Duchamp, de um Wladimir Dias Pino, de um Hélio Oiticica, de uma Lygia Clark. Todos eles, e mais alguns outros poucos, são o sol, o sal, o sul e o nordeste da magia da produção em arte & poeticidade. É o caso de Oswald de Andrade.
- Por outro lado, a transgressão e a experimentação não apontam necessariamente para a produção de boa qualidade. Nem todos os filmes de Glauber ou Godard — transgressores por excelência — são ótimos, embora todos sejam importantes. Já o mais belo, o mais cristalino e o mais instigante filme visto por nós não foi realizado por um transgressor reconhecido como tal, e sim por um mestre: **L'avventura**, de Antonioni. (Mestres também seriam, por exemplo, Renoir e Eisenstein, João Cabral e Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Graciliano Ramos, Humberto Mauro e Nelson Pereira dos Santos).
- Enquanto isso, há obras experimentais que transgridem as normas estéticas vigentes e, no entanto, são definitivamente chatas, definitivamente insuportáveis: **Galáxias**, de Haroldo de Campos; **Catatau**, de Paulo Leminski; **Finnegan's wake**, de Joyce. Vanguarda que não comunica não passa de formalismo inútil, de formalismo fútil. Um texto que nada diz é um texto que nada diz. E só.
- Não podemos, de forma desesperada, procurar a informação nova a qualquer preço. A informação nova só tem pleno significado dentro de um dado contexto social, político e cultural. Um soneto (antigo ou recente) pode ser bom ou ruim. Depende, por parte do autor, de competência, sensibilidade, inspiração, transpiração e acabamento formal adequado. Um poema experimental — que, em nosso caso, tem como fontes, na maioria das vezes, o dadaísmo, a antropofagia, o neoconcretismo, o poema/processo e a realidade nossa de cada dia e de cada noite —, um poema experimental, repetimos, por ser bom ou ruim. Depende de competência, sensibilidade, inspiração, transpiração e radicalidade.
- Final, múltiplos são os caminhos da arte, da poesia e do poema. Queremos se aproveitar de todos eles. Desde que sejam provocadores, furiosamente provocadores. Desde que sejam intrigantes, furiosamente intrigantes. Desde que sejam sensíveis, furiosamente sensíveis.



## PARNAMIRIM FIELD

Pery Lamartine

**O**s anos 40 representaram, para mim, um período de grandes emoções: atravessava a adolescência com a cabeça cheia de sonhos, a vida indefinida, as incertezas do futuro, as ansiedades decorrentes da guerra mundial que fervia na Europa e Norte da África. Era esse o panorama para muitos jovens da época, com a minha faixa etária.

O esforço de guerra levou o governo brasileiro a investir na reserva aérea abrindo os Aero Clubes e oferecendo cursos de pilotagem subvencionados aos jovens pelo Brasil a fora. E como alguém já havia dito "resistir quem há de...", lá fui eu envolvido com o movimento aviatório, uma febre que caminhava o país de norte a sul. Os Aero Clubes foram equipados com os pequenos aviões Piper J-3 (um ultra leve melhorado) enquanto a Aeronáutica recebia os modernos P-40, os bombardeiros médios B-25 e as empresas aéreas, que ainda viviam o período dos velhos Junkers (JU-52), estavam começando a receber os modernos da época, o Dakota Douglas DC-3. Centenas de aviões como estes e outros modelos sobrevoavam diariamente o céu natalense, como se fossem gigantes enxames, aguardando a sua vez de pousar em Parnamirim Field.

Nesse torvelinho aeronáutico alguns dos nossos jovens foram em frente, alcançando níveis desejado por

qualquer aviador. Outros, como eu, tiveram o entusiasmo cortado no meio do caminho, pelos diversos motivos, embora que tenhamos ficado contaminados pelo vírus da aviação. Vez por outra me vejo no hangar aceitando carona com novos pilotos, ou no clube de ultra-leves sobrevoando as praias natalenses.

Em dias passados deu-se um fato digno de registro que me fez retornar momentaneamente aos anos 40. Transitava pela BR-101 saindo de Parnamirim para Natal, às 9 horas de uma manhã radiante e silenciosa; na altura do parque de exposições, quando tinha diante de mim todo o panorama do aeroporto e da base aérea, ouvi um ronco de motor a explosão muito familiar aos meus ouvidos. Olhei para o lado Oeste e para surpresa minha estava na reta final do pouso um pequeno avião de asa alta que me fez parar enquanto ele em vôo planado cruzava a rodovia, indo alcançar a pista logo adiante, fazendo um pouso perfeito. O pequeno avião ainda taxiava para o hangar quando um rumor forte surgiu no espaço e logo percebi a silhueta de um velho e inesperado Douglas DC-3 que ainda voa por estas paragens. Nesse instante, enquanto acompanhava a trajetória do velho DC-3, veio-me a lembrança de um texto do aviador romancista americano Ernest

"A mais elevada forma de arte é um ser humano em pleno controle de si mesmo e do seu avião, fazendo com que o espírito da máquina combine com o seu".

(Richard Bach — O DOM DE VOAR)

K. Gann, que na Segunda Guerra transitou muitas vezes por Parnamirim Field:

"O DC-3 é uma vaca amável, pastando descansadamente nas pradarias das alturas, maravilhosamente misericordiosa com o mais desajeitado piloto". Uma imagem perfeita para os saudosistas daquele avião. Nesta altura dos acontecimentos não tive coragem de me retirar dali. Estacionei o carro no acostamento e fiquei para conferir. Acompanhei a silhueta daquela velha e incomparável máquina voadora, com os seus dois motores bem sincronizados, produzindo um ronronar musical perfeito que enleva os sentidos dos aviadores de outrora. O velho DC-3 fez a sua aproximação com o afastamento padrão, voou diretamente para a cabeceira da pista, os motores foram reduzidos e de imediato o rangido característico do impacto dos pneus com o asfalto. A aeronave parou adiante taxiando a seguir para o estacionamento.

São instantes como esse que em alguns minutos nos transporta para um tempo ido da nossa história aeronáutica, vivida por uns poucos em Parnamirim Field.

\* Pery Lamartine é escritor.

## POEMA DE LUIZ RABELO

Lendo "o Fazedor", de Jorge Luis Borges

Tudo já percebo.  
 O canto renovado sob as leis do espírito  
 o passo tardio ou rápido do tempo  
 a estética do verso em sua idéia  
 humana e talvez obscura  
 a dor do crepúsculo sem hora  
 o alvorecer da vida  
 e a morte.

Tudo percebo.  
 Só permanece imaterialmente inalterável  
 diante de nossos olhos às vezes descrentes  
 a existência  
 da fé sem memória das lágrimas  
 o reflexo celeste e complexo  
 do espaço constante e invisível  
 a criação da Eterna Força

princípio de Amor  
 e dos anos silenciosos  
 que nos adormecem para sempre.  
 Só não nos abandona  
 a transitoriedade  
 da humana felicidade  
 uma nesga de sol  
 no escuro de nosso humilde ser.  
 Só permanece em nós  
 o mármore frio e longínquo  
 da árdua tarefa do acreditar  
 no preço do impossível  
 de todos os fumos  
 inexistentes da vida.  
 E cada dia o ilusório reflexo  
 de um ardil sem equilíbrio.

## VÍDEO-CLIP

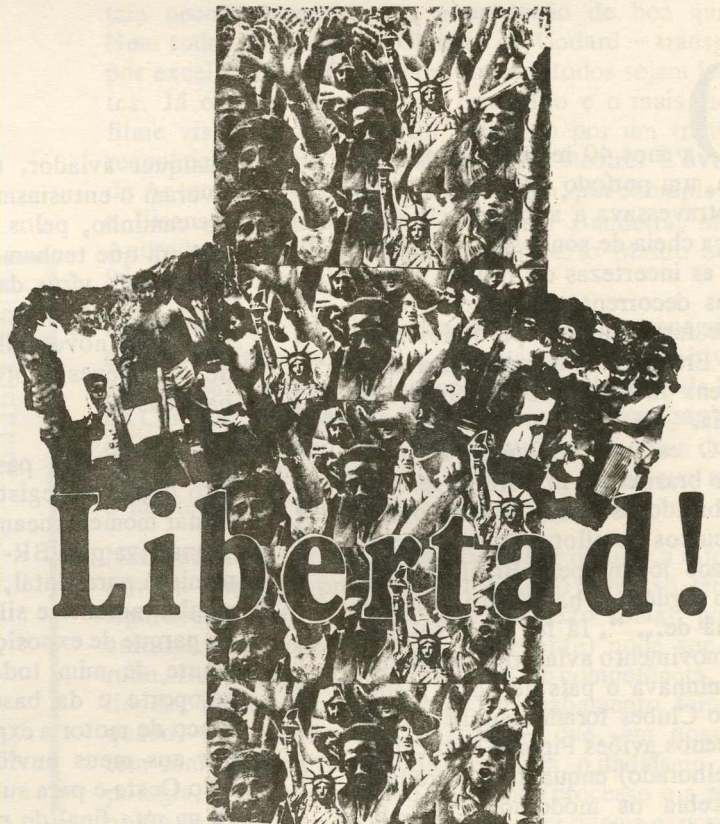
## VALLENT

A cabeça gira  
 voam imagens coloridas  
 via satélite,  
 o grito  
 o mundo caiu em preto e branco  
 alô...  
 alô...  
 abra uma coca-cola  
 coma um cachorro quente  
 mas que merda,  
 a televisão saiu do ar,  
 vou ao super-mercado  
 e compro um  
 pacote de café...

é cedo pra fumar  
 a cabeça gira, o mundo colorido...

mais onde está o poeta  
 saiu para um planeta desconhecido,  
 via satélite...  
 pagou sua prestação em três vezes  
 sem juros  
 no escuro... cadê meu vale-tran | porte  
 está faltando dinheiro  
 para pagar meu aluguel  
 me dê uma esmola  
 esmola...  
 mola... lá

chame a funerária...

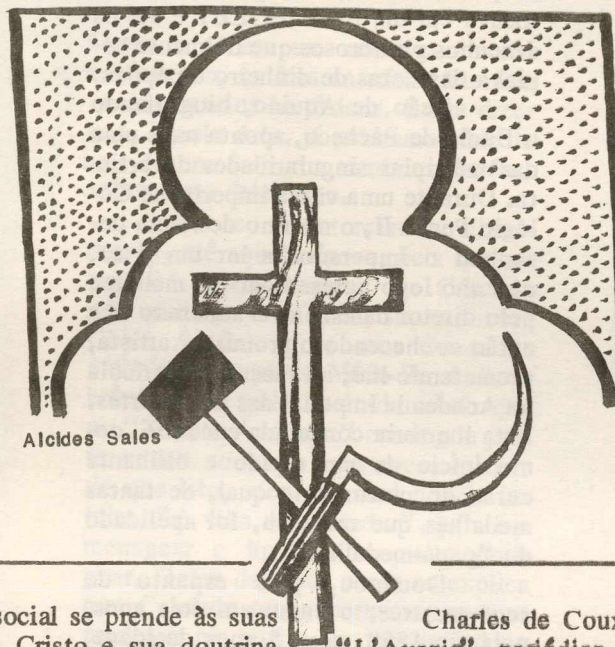


FALVES  
 SILVA/88

# A IGREJA E O SOCIAL

## VISÃO DA ENCÍCLICA

### “SOLICITUDO REI SOCIALIS”



Alcides Sales

PE. JOÃO PENHA FILHO  
Professor e Capelão da UFRN

A preocupação da Igreja com o social se prende às suas origens, e quem a Boa Nova de Jesus Cristo e sua doutrina pode sentir que toda a pregação de Jesus Cristo tinha como ponto fundamental Deus e o Povo. “Nisto se resume toda a lei e os profetas: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos” (Marcos, 12, 29).

Essa foi sempre a preocupação de sua vida pública: fundamentar a sua missão divina como enviado do Pai, do qual era a imagem; “há tanto tempo que estou convosco, Filipe, e ainda não me conheceis? Quem me vê, vê o Pai” (João 14, 8-9) Jesus Cristo estava sempre preocupado com o povo: “Tenho pena desse povo”... Mateus, 15, 32, Marcos, 8, 2.

Depois da partida de Jesus Cristo, a Igreja iniciante viveu sempre de modo concreto a sua doutrina. “A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu, o que possuía” (Atos, 4,32).

Na sua caminhada histórica, foi sempre esse procedimento da Igreja, sempre voltada para o pobre.

Com a sua expansão pelo mundo, foi ela quem primeiro lutou para que a escravidão se apagasse do meio da humanidade; não há escravos nem livres, todos são um em Cristo”. Sua solicitude pelos pobres desde o início se fez presente.

Foi a Igreja quem primeiro pensou em reunir os operários num sistema produtivo, onde o lucro da produção pertencia aos próprios trabalhadores.

Com o advento da industrialização e o surgimento do capitalismo, fruto da doutrina do liberalismo econômico, consequência do livre arbítrio, ensinado por Lutero, vê: (A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, Marx Werber) onde o “laissez faire” era a mola mestra de todo sistema econômico, a quem interessava apenas o lucro, como norma de progresso, vedava a interferência de qualquer entidade, Estado ou Igreja em freiar o sentido de progresso que significava produção e lucro. Mas nem por isso ela se deixou intimidar. Clérigos e leigos cristãos ergueram a sua voz através dos tempos, sempre em defesa dos mais fracos.

Escritores cristãos como Chateaubriant no “De Bonald” atacam de forma lírica o problema do proletariado, Sacerdotes e leigos formam grupos de ação. Ontem como hoje, aparecem os extremismos dentro da própria Igreja como Leonardo e Clodovís hoje, como ontem apareceram La Menais e Lacordaire. O primeiro sai da Igreja, se rebelde. O segundo torna-se forte em defesa da justiça e da verdade. Os problemas sociais recebem uma visão científica.

Charles de Coux, por exemplo, em artigo publicado em “L’Avenir”, periódico católico, afirma antes de Karl Marx que a base de toda verdadeira economia política é o problema do valor. E diz que todo o capital é trabalho acumulado. Em toda a Europa se levantam vozes, primeiramente entre os católicos contra a exploração do operário.

Na Áustria, na Bélgica com Buchez, na Alemanha com Keteler, Arcebispo do Mogúncia, que foi até preso e expulso da Alemanha. Kolping também Bispo, muito antes de Marx, como Frederico Ozanan na França. Vozes se elevaram; ações se realizaram na formação de uma doutrina social cristã, que amadurecida culminou com o documento histórico de Leão XIII; “A Rerum Novarum”. A partir daí, a doutrina social da Igreja foi codificada. Aparecendo novas documentações com Bento XV, Pio XI, Pio XII e finalmente a nova visão com João XXIII – “Mater e Magistra”, “Pacem in Terris”. Vem o Concílio Vaticano II, principalmente com o documento conciliar “Lumen Gentium”. Até que Paulo VI reúne as novas aspirações sociais cristãs com a “Populorum Progressio”.

Finalmente comemorando o vigésimo aniversário da “Populorum Progressio” o Papa João Paulo II nos premia com a “Solicitudo Rei Socialis”.

Mais uma vez nos é apresentada de forma clara a solicitude social da Igreja onde o Santo Padre analisa a caminhada da doutrina social da Igreja codificada a partir de Leão XIII e ampliada sempre pelos romanos pontífices com outros documentos.

Depois de analisar a nova visão da “Populorum Progressio”, a nova Carta Encíclica nos apresenta um panorama do mundo contemporâneo, os novos problemas que surgem, para serem visualizados à luz do Evangelho, para se ter a visão de um desenvolvimento humano autêntico na visão da fé. A nova encíclica reafirma os princípios já encarados na “Populorum Progressio” e apresenta novas orientações que devem se afirmar na hora presente na corrida progressista da humanidade.

Convém notar o sentido dinâmico da encíclica, que manifesta o dinamismo da própria Igreja como Mãe e Mestra, acompanhando a caminhada de seus filhos. E, nesta visão, já é tempo de esperarmos um novo documento social deste Peregrino de Deus, nos trazendo uma visão social de todo o mundo por ele visitado.

PE. João Penha Filho  
Professor e Capelão da UFRN

# Pedro Américo

## Artista Singular

Jomar Jackson

“Haverá poucos brasileiros cuja vida contenha uma série de episódios tão interessantes, que dariam facilmente matéria para um romance, onde o justo e o honesto, o verdadeiro e o belo, aliados ao pitoresco e, não raro, ao dramático, pretenderiam a atenção do leitor, gerando simpatia irresistível a par de incondicional admiração pelo talento e o caráter do protagonista; que Pedro Américo por tudo passou, desde os vexames dos melindres ofendidos e das necessidades materiais, sempre galhardamente vencidas pelo esforço próprio, até as EBRIDADES da glória...”

J. M. Cardoso de Oliveira. Catálogo das obras do grande mestre... Lisboa, 1924.

Como Giotto, Mozart e tantos outros artistas, Pedro Américo (1843-1909) nasceu em uma humilde cidade do interior. A paraibana Areia desde cedo espantou-se com a figura de artista precoce por ele apresentada, ao fazer do desenho e da pintura seu verdadeiro lazer infantil. Tal vocação foi logo aproveitada, incorporando-se o jovem, como desenhista, à missão que chefiada por Louis Jacques Brunet efetuava para o Museu Nacional de Pesquisas Científicas e de exploração. Brunet encantou-se com sua vocação tão precoce à ponto de, mediante licença obtida dos pais do menino, perambular com ele pelos sertões nordestinos ao longo de quase dois anos.

Recomendado pelo cientista ao presidente da província da Paraíba, este o encaminha ao Ministro do Império Manuel Pedreira do Canto Ferraz. Despachado para a Corte aos onze anos de idade, chega ao Rio de Janeiro em fins de 1854, para ser imediatamente matriculado no Colégio Pedro II. Desta época conhecemos dois autorretratos, um desenhado e outro pintado a óleo: um garoto de grandes olhos negros que se abriram para o mundo da arte. No Arquivo Nacional existe, junto ao documento de recomendação ao Ministro, o exemplar de uma prova que lhe “foi pedida de suas habilidades gráficas: uma espingarda apoiada sobre uma cadeira. Anteriormente o jovem artista já executava e vendera numerosos retratos do capuchinho Frei Serafim, que outrora estivera em “Areia como pregador. Em menino travara relações com a música e o canto, participando do coro da igreja local; mais tarde chegaria ao teatro, como cenógrafo e ator.

De sua brilhante passagem pelo Pedro II, Luis Guimarães Júnior,

colega e amigo, deixou-nos esta lembrança: “A caricatura, que hoje nas mãos de Pedro Américo vale o que vale o traço majestoso de Meissonier e a pilhéria de Gavarni, corria por nossos olhos, despertada pelo buliçoso lápis, com um encanto crescente e maravilhoso”. Recorda ainda o seu admirador, a música que o jovem areense tocava em um FLAGEOLET e até os desenhos primorosos que fielmente copiava das notas de dinheiro da época.

Leão de Aquino, biografando o Barão de Pacheco, aponta mais uma das múltiplas singularidades do artista. Durante uma visita imperial ao Colégio Pedro II, o menino de Areia desenhava o Imperador a ler um livro, desenho logo apresentado ao monarca pelo diretor da escola. O soberano fica então conhecendo o promissor artista, prometendo-lhe, ali mesmo, matrícula na Academia Imperial das Belas Artes. Esta lhe seria concedida em 1856, como início de um rápido e brilhante curso de pintura, no qual, de tantas medalhas que mereceu, foi apelidado de “papa-medalhas”...

Dominou, para espanto de seus mestres, o curso em dois anos, pois em 1858, aos 15 anos de idade, ousa requerer ao Imperador a concessão de pensão para estudos de aperfeiçoamento na Europa. São suas próprias palavras: “Agora pois que tenho os conhecimentos que para a Pintura poderia receber da dita Academia, para prosseguir na minha carreira indispensável é uma viagem à Europa, e como a Academia não me pode facultar os meios necessários para esta viagem, por ter ela preenchido o número dos seus pensionistas, vendo confiado na extrema bondade de Vossa Majestade Imperial solicitar a graça de me mandar particularmente acabar Meus estudos na Europa, impondo-me qualquer condição que será por mim aceita”.

Concederam-lhe uma mesada de quatrocentos francos e a viagem para Paris, via Havre, onde chegou aos 16 anos com uma carta de recomendação, muita garra e talento. A carta, registrada nos anais da nossa crônica artística, era destinada ao seu patrício Vitor Meireles, “outro talento e muito laborioso, em final de pensionato às voltas com sua primeira grande composição histórica. “A Primeira Missa no Brasil”. Vale a pena reeditar um trecho desta apresentação, datada de 11 de março de 1859 e assinada, nada mais nada menos, por Manoel de Araújo Porto Alegre, diretor e testemunha ocular dos feitos do jovem na Academia Imperial: “O portador dessa é o Sr. Américo, moço de talento, pensionista do nosso Imperador. Eu o recomendo muito, e faça-o discípulo de M. Cogniet que ele de mim há de ter lembranças pelo Instituto Histórico em 1836”.

Pedro Américo, da modesta cidade de Areia à culta e sofisticada cidade de Florença, singularizou sua vida e obra. Erudito e talentoso sempre teve consciência dos seus méritos, definindo-se por certa vaidade e pela ambição de ser um grande humanista e um grande artista ao modo da Renascença. O conhecimento psicanalítico encontraria bom material de reflexão em alguns de seus comportamentos e na bela coleção de auto-retratos que produziu e na qual não faltou a auto-caricatura e a afirmação de sua personalidade forte ao assinar-se como “dr.” em várias de suas pinturas.

Seu interesse pela representação da própria imagem foi talvez tão frequente quanto em Elizeu Visconti, Pancetti ou Van Gogh. Outra singularidade, a lembrar ainda Elizeu Visconti, foi o seu amor à família e o uso que fez de correspondência intensa dirigida aos parentes e deles recebida. Alguns dos familiares, como seus filhos e seu genro, posaram para as obras de sua autoria e serviram como modelo para personagens de seus quadros. Os grandes e bem delineados olhos femininos que nos acostumamos a observar nas figuras representadas em suas pinturas talvez tenham sido inspiradas nos da sua esposa.

Cabe destacar, também como singular, o fato de grandes homenagens lhe terem sido prestadas em Belém do Pará: exéquias solenes e a publicação de um folheto, por iniciativa do Intendente Lemos. Desejou ele auxiliar Pedro Américo, ao fim de sua vida passando necessidade em Florença. Convidou-o então a pintar duas telas por encomenda e a fundar uma Escola de Belas Artes — Artes em Belém, proposta formalizada no ano de 1903. A saúde precária do artista ADIOU a viagem, até que a pouca indiferente cortou-lhe o fio da vida. Pouco tempo antes o Barão do Rio Branco havia providenciado a aquisição da tela PAZ E CONCÓRDIA (hoje no Itamaraty); agora o Barão, seu amigo, via-se responsável por tratar da vinda de seus restos mortais para o Rio de Janeiro. Do Rio de Janeiro para a Paraíba o caixão do grande artista seguiu despachado como carga..., conforme constatou a comissão designada para recebê-lo na cidade do destino. Foi enterrado na capital a 29 de abril de 1906, data de seu aniversário de nascimento e especialmente singular coincidência.

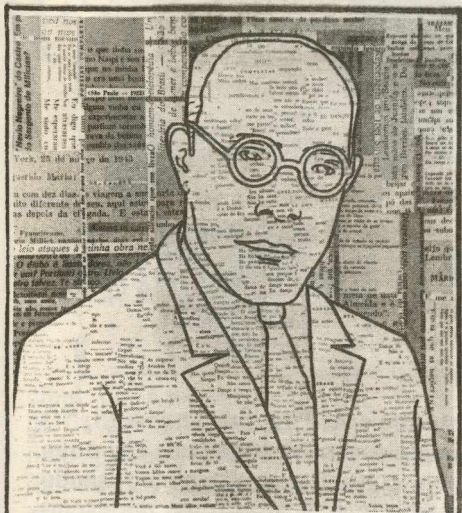
JOMAR JACKSON

(Artista Plástico e chefe do núcleo de Artes Plásticas da FJA.)

O Autor é conterrâneo de Pedro Américo. Realizou pesquisa conservando fragmentos de textos originais em sua linguagem arcaica.)

# MÁRIO DE ANDRADE E O FOLCLORE POTIGUAR

\* Delfilo Gurgel



"Mário de Andrade, Homem de Letras".  
Fernando Gurgel - Outubro 1993.

A viagem de Mário de Andrade ao Nordeste Brasileiro, de dezembro de 1928 a fevereiro de 1929, resultou em dois grandes benefícios para a cultura do Rio Grande do Norte e do Brasil.

O primeiro deles, foi o trabalho pessoal de pesquisa e documentação que o grande escritor paulista realizou, de algumas de nossas principais manifestações folclóricas. Na área das danças, o registro, em letra e música, do repertório de nossos grandes autos populares, Boi Fandangó, Chegança e Congos, o mais completo de todos quantos já foram realizados no Brasil. Na área do canto popular, a fixação, também em letra e música, das emboladas de Chico Antônio e de outros coqueiros potiguares.

O trabalho sobre as danças está fixado nos três volumes das "Danças Dramáticas do Brasil", organizados por Oneyda Alvarenga, a discípula bem amada, enquanto os cocos de Chico Antônio e seus adversários de cantoria compõem os volumes "Os Cocos" e "Melodias do Boi e outras peças".

O segundo grande benefício que o mestre paulista prestou à nossa cultura foi a conversão de Cascudo aos estudos folclóricos.

Na verdade, até a viagem de Mário a Natal e, mesmo após o seu regresso a São Paulo, a contribuição de Cascudo para o folclore brasileiro era praticamente nula. Resumia-se a alguns artigos na imprensa, defendendo a sobrevivência de nossas tradições.

Quando em 1939 publicou seu primeiro livro sobre a cultura popular brasileira, "Vaqueiros e Cantadores",

Cascudo já era um nome conhecido e admirado, na área da crítica literária e dos ensaios históricos. Basta dizer que, àquela data, já publicara mais de uma dezena de livros, nenhum, porém, sobre tema folclórico.

Do seu desinteresse ou alheamento, até aquela época, pela cultura popular, basta lembrar que Cascudo não escreveu uma linha, sequer, sobre Chico Antônio e os seus Cocos de embolada, enquanto Mário lhe dedicou crônicas da mais exaltada admiração no "Turista Aprendiz" catalogou praticamente todos os seus cocos e, mais do que isto, escreveu uma novela inteira, "A vida do cantador", para homenagear o humilde coqueiro potiguar. Outro detalhe, como se explica que Cascudo tenha permitido que se perdesse na poeira do tempo todo o universo fabuloso de romances que Fabião das Queimadas compôs, sobre as vaquejadas sertanejas, quando é o próprio Cascudo quem declara, que o poeta "ficava meses conosco, cantando com a rebeca ao peito e contando estórias do tempo em que tinha sido escravo (1)

Duas observações sobre o assunto: 1 - Fabião faleceu em 1928, antes da "conversão" de Cascudo ao folclore; 2 - do convívio Cascudo-Fabião, restou apenas o romance do "Boi da mão-de-pau". Objetar-se-á que o registro cultural, na década de vinte, sem os modernos aparelhos eletrônicos, era uma atividade penosa; no entanto, deve-se observar que, num mês de Nordeste, Mário recolheu o material para cinco livros volumosos.

Foi preciso que Mário de Andrade, numa carta datada de 27 de junho de 1937, abrisse os olhos do amigo provinciano para a importância e a vastidão de nosso universo folclórico.

Na referida carta, Mário de Andrade escreve: "Você tem a riqueza folclórica aí, passando na rua a qualquer hora. Não faça escritos ao vai-vem da rede, faça escritos caídos (sic) das bocas e dos hábitos que você foi buscar na casa, no mocambo, no antro, na festança, na plantação, no cais, no boteco do povo. Abandone esse ânimo aristocrático que você tem e jogue todas as cartas na mesa, as cartas de seu valor pessoal que conheço e afianço, em estudos mais necessários e profundos." (2)

Ainda, na mesma carta ressaltando o valor intelectual de Cascudo e o que ele deveria considerar seu des-

perdício, pela maneira como fala ao amigo, Mário escreve: "Minha convicção é que **você vale muito mais do que já produziu**". E, noutro trecho: "Mas, seu desprezo da medida faz com que, até agora (escrevia em 1937), não tivesse **paciência para escrever, se não um livro**, pelo menos uma monografia de tema especializado sobre folclore do Rio Grande do Norte, pra não dizer Nordeste".

Pode ser que, independente desta carta de Mário de Andrade, conforme já referimos em outras oportunidades, Cascudo tivesse por si mesmo, enveredado, com armas e bagagens, pelo vasto território dos estudos folclóricos, entretanto, não restam dúvidas de que foi a partir do seu recebimento, que acendeu-se em Cascudo a chama do seu interesse pela Cultura Popular.

Em 1939, dois anos após a famosa carta, já circulava pelo Brasil à fora o "Vaqueiros e Cantadores", um clássico de nossa etnografia sertaneja. A partir de então, Cascudo, não estancou mais sua sede de estudar e divulgar a nossa cultura tradicional, que viria a transformá-lo num dos maiores folcloristas do mundo.

Aí está pois, um tema da maior importância, a ser aprofundado, em pesquisas e estudos. As questões se multiplicam: por que até 1939 Cascudo não havia publicado nenhum livro de folclore, quando já era um autor consagrado? Qual foi realmente a influência da carta de Mário, sobre os estudos de Cascudo? Seu alheamento ou desinteresse pelo folclore, teria origem, no próprio ambiente em que vivia, ambiente sempre mesquinho, com raras exceções, à pesquisa e ao estudo de nossas tradições culturais populares? (Lembrar que Cascudo foi denunciado, em determinada época, por um professor do Ateneu, ao Governador Juvenal Lamartine, por estar despertando o interesse dos seus alunos, para esse tipo de pesquisas).

O certo é que, a partir de 1939 Cascudo passou a conquistar o seu espaço nos estudos folclóricos nacionais, através de obras monumentais, o que o transformaria com o passar dos anos, no maior folclorista do Brasil, para alegria do amigo paulistano, que ele hospedara, com tanto carinho, no ano de 1928.

\* Delfilo Gurgel é Diretor Cultural da Fundação José Augusto.

#### Notas

1 - Luis da Câmara Cascudo - Folclore do Brasil, 2ª edição, p. 252. Fundação José Augusto, Natal, 1980.

2 - Cartas de Mário de Andrade a Luis da Câmara Cascudo. (Introdução e Notas de Veríssimo de Melo, p. 150. Villa Rica Editoras, 1991. Belo Horizonte/Rio).

# O Sobrado Cabral



O Sobrado Cabral

O Sobrado de Sebastião Cabral, situado na Praça Pedro Velho, esquina com a rua São João era o mais alto e importante sobrado da cidade, à época em que foi edificado no século XIX. Foi concebido para abrigar as atividades de comércio no pavimento térreo e residencial nos demais, onde se tinha acesso através de escadas social e de serviço, respectivamente, na fachada principal e no quintal. Com o passar dos anos tem abrigado outras atividades como cartório e hotel.

Por uma iniciativa do prefeito Louçinaldo Soares, este que é um dos mais antigos prédios, e que conserva

características arquitetônicas ricas em seus detalhes será restaurado pela prefeitura local e tombado pelo Conselho Estadual de Cultura do Estado, possivelmente ainda este ano. O processo de tombamento, segundo informação do presidente da Fundação José Augusto, Dr. Iaperi Araújo, encontra-se em andamento devendo ser entregue ao CEC, nos próximos dias.

## CARACTERÍSTICAS

Conforme relatório do arquiteto Paulo Heide Forte Feijó, Coordenador de Atividades do Patrimônio

Histórico e Artístico da Fundação, "O município do Assu possui um novo acervo cultural e arquitetônico, sendo portanto, o tombamento de um exemplar tão significativo como é o caso do Sobrado Sebastião Cabral, um passo inicial e extremamente importante, para o reconhecimento oficial do seu valor arquitetônico e urbanístico da cidade, ao mesmo tempo em que se preserva um marco referencial, que se destaca na paisagem urbana pela sua imponência e majestade. O parecer da Fundação José Augusto é favorável ao tombamento do referido sobrado.

# V Feira de Arte e Cultura

Numa promoção da Prefeitura Municipal do Assu, Secretaria de Educação e Cultura e o 9º Núcleo Regional de Educação realizou-se de 12 a 16 de outubro a V Feira de Arte e Cultura do Município contando com a participação de entidades educacionais, instituições culturais e a comunidade em geral.

Lançamentos de livros, de "O Galo", exposição de artes plásticas, escolha da rainha da Feira, teatro, danças folclóricas, concursos de calouros, festival de chopp, e a participação da banda de música e grupo folclórico do Sesi e Escola de Formação Profissional Ítalo Bologna, do Senai de Mossoró, que completou 21 anos de fundação naquela cidade, e ainda o Circo da Cultura da Fundação José Augusto e o "Regional Sonoroso", grupo musical do Instituto de Música Waldemar de Almeida, da FJA, foram algumas das atrações desenvolvidas durante essa grande promoção da Prefeitura Municipal do Assu que contou com o total apoio do prefeito Louçinaldo Soares.

## PARTICIPAÇÃO

Todos os eventos contaram com a participação dos municípios de Assu, Carnaubais, Paraú e Ipanguas. AS ESCOLAS Estaduais João Tertuliano Lopes de Itajá, Manoel Pessoa Montenegro, Marcos Alberto de Sá Leitão, Tenente Coronel José Correia, Juscelino Kubistchek e ainda o Instituto Padre Ibiapina, Educandário Nossa Senhora das Vitórias bem como as escolas municipais Colégio Menino Jesus, Jardim Escola Cebolinha, Degrau Colégio e Curso e a Escola Estadual Dr. Luiz Antônio tiveram expressiva participação em todas as atividades culturais, ocorridas quando da realização desse evento.

Outra grande promoção da V Feira de Cultura foi a exposição representativa dos municípios de Itajá, Carnaubais, São Rafael, Paraú e Ipanguas, onde foram expostos artesanato, portas em madeira, produção do vale no setor econômico, industrial e agrícola e ainda objetos de arte antigos, bandinha, medicina caseira, comidas típicas, produção literária de autores da localidade, vídeo escola,

biblioteca itinerante, entre outras atrações. A riqueza cultural com suas características e peculiaridades próprias de cada localidade.

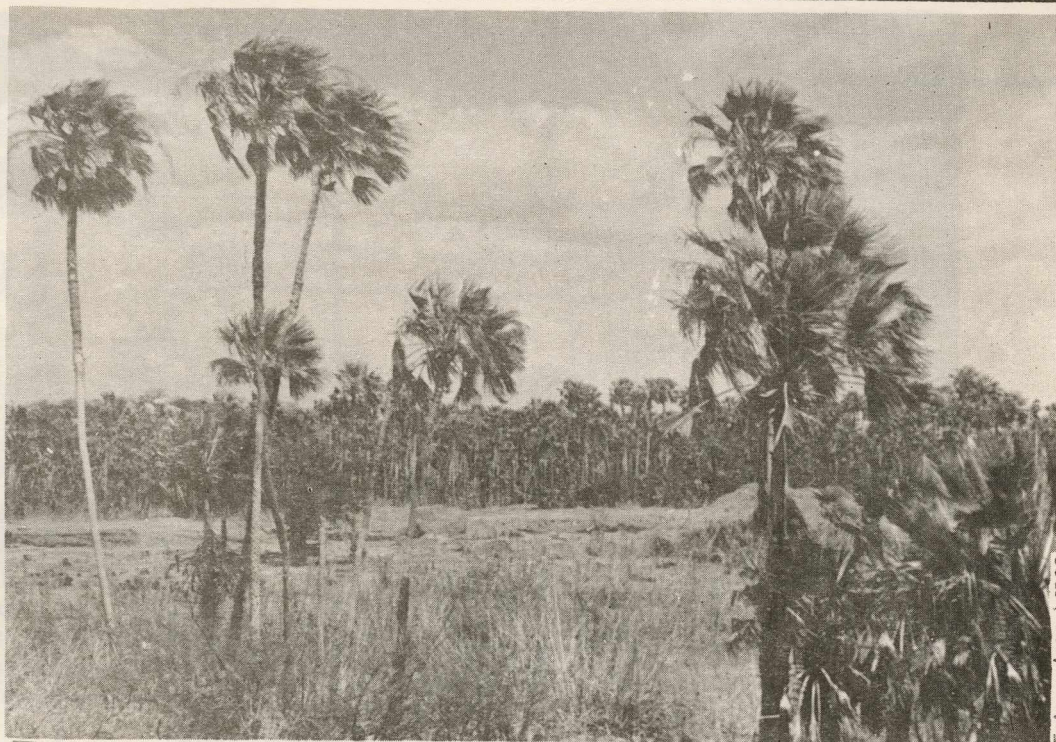
No dia 15 de outubro, numa já tradicional promoção da Rádio Princesa do Vale, aconteceu a finalista do Melhor Calouro do Vale. Houve também o desfile cultural com a participação de todos os alunos da rede municipal e estadual de ensino (cívico e histórico), e a apresentação de bandas de música do Assu. Dia 16, na AABB, realizou-se a festa do reencontro, tradicional promoção, já do calendário turístico da cidade, onde os assuenses residentes em outras localidades se encontram para amenizar a saudade da boa terra. Encerrando as atividades no dia 17 de outubro aconteceu o festival de Chopp - no Scalla e corrida de Motocross.

As empresas Petrobrás, Frunorte, Agro Knoll, Funasa, Ibama, Pronave e CSU participaram das exposições com o stand de produtos da região.

# Fundação Pedro Amorim

Encontra-se na Câmara Municipal do Assu mensagem nº 008/93 de 01 de setembro de 1993, assinada pelo prefeito Lourinaldo Francimari da Fonseca Soares, para apreciação do presidente vereador Domício Soares Figueiredo Filho. O Projeto de Lei que trata da criação da Fundação Municipal de Cultura Dr. Pedro Soares de Araújo Amorim, entidade sem fins lucrativos, com personalidade jurídica de direito público, vinculada, para efeito orçamentária, à Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Diz o prefeito na justificativa que a preservação dos traços culturais de um povo é, antes de ser uma obrigação constitucional do Estado e Município, um imperativo que se impõe à própria sociedade na manutenção dos seus valores mais legítimos.



Carnaubais, outra riqueza do Vale

Foto - Jean Lopes

Ressalta Lourinaldo que "Essa será uma instituição compatível com a estrutura organizacional do município e que pelas suas atribuições deverá prestar inestimáveis serviços à coletividade".

A denominação é homenagem à memória do político, escritor, médico e último intendente e primeiro prefeito Constitucional do Assu, Dr. Pedro Amorim. Executará todas as atividades relativas ao planejamento, preservação e conservação do acervo cultural, e como Fundação será o seu agente maior no município.

## OBJETIVOS

Informou o prefeito da cidade do Assu, Lourinaldo Soares, que a Fundação de Cultura tem por objetivo realizar estudos de natureza sócio-econômico-cultural, e de interesses para o desenvolvimento do acervo cultural do município; articular-se com órgãos municipais, estaduais e federais e demais entidades privadas que atuem no planejamento, preservação e conservação do patrimônio cultural, para a realização de convênios de cooperação técnica e a preservação de assistência técnica e ainda atuar de forma sistemática na elaboração de programas e projetos voltados para apoiar a cultura do município estabelecidos pelo Governo Municipal.

A Fundação também será responsável pela restauração, conservação e manutenção de monumentos históricos, artísticos e paisagísticos além de resgatar o acervo bibliográfico existente na região. Manterá convênios, contrato e intercâmbio com órgãos em entidades públicas e privadas, nacionais e internacionais, interessadas em temas relativos ao patrimônio cultural do Assu.

## ADMINISTRAÇÃO

A administração superior da Fundação compõe-se dos seguintes órgãos: Conselho Administrativo, Curador, Presidência, Diretoria Cultural e Administrativa Financeira. Quanto as funções diretivas serão constituídas por: Diretoria, Coordenadoria e Chefias de Núcleos e de Setor. Os Núcleos de Operação serão assim divididos: de Restauração e Tombamento; Documentação Cultural; de Biblioteca; Promoção Cultural e de Pesquisa e Estudos.

O prefeito Lourinaldo Soares espera até o final do ano implantar a Fundação de Cultura Dr. Pedro Amorim.



Lourinaldo Soares

O município do Assu, que em 1995, completará 150 anos de emancipação política é rico em sua cultura, arquitetura e tradições. Com a Fundação acima tornar-se-á o instrumento legal para proteger obras, objetos, documentos e imóveis de valor, apoiando manifestações da sociedade local.



Cine Teatro Pedro Amorim

Foto - Jean Lopes

# DINARTE MARIZ

## 90 ANOS

### 1903 · 1993

\* Joanilo de Paula Rego

**S**e vivo fosse estaria com 90 anos, nascido que foi em 23 de agosto de 1903. Sua ausência do convívio da gente já se alonga por nove verões, mais secos e mais desérticos. À cada dia se torna mais sufocante o vazio e mais profundo o abismo que a sua mudança causou. Nesta orfandade só nos resta recordá-lo com o que de mais imortal existe em nossa mente que é a memória, e com o que de mais puro sobrevive em nosso coração, que é a saudade.

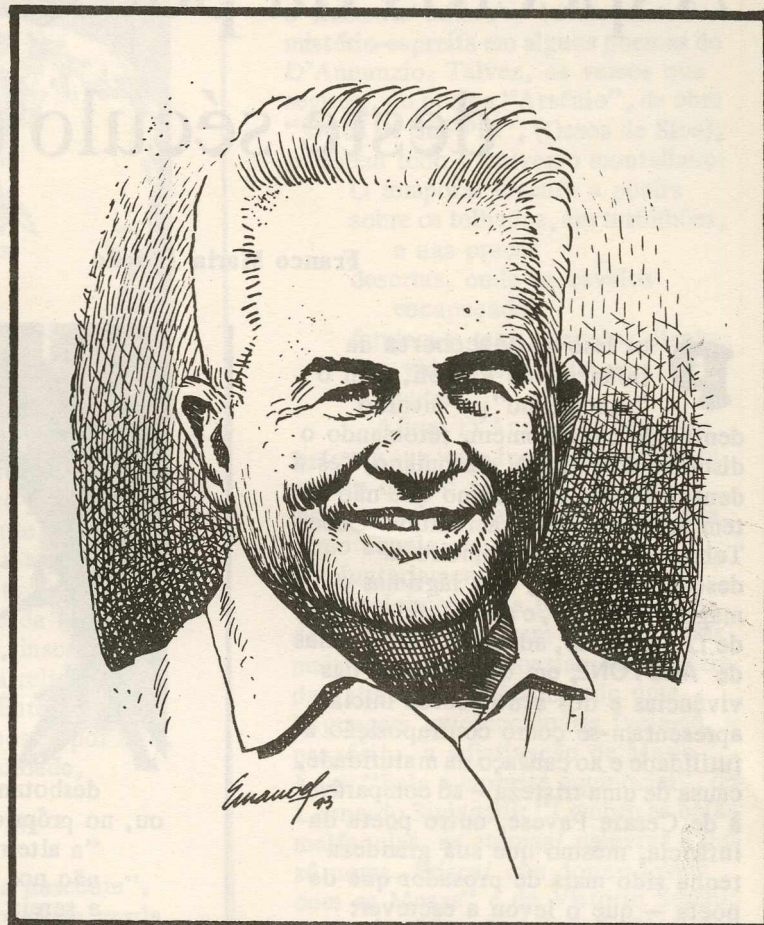
O que distingue a morte de Dinarte da morte de todos os demais é essa permanência e essa ubiqüidade, que o tornam uma figura singular, um ser de eleição, um homem de seu tempo e de todos os tempos. Cada mortal que já atravessou as fronteiras da etemidade é lembrado pelos que o conheceram e amaram, na saudade de cada dia e no aniversário de sua morte. Dinarte é lembrado no dia da morte de cada um e da morte de todos. Em cada pessoa amada que morre, Dinarte é lembrado. Há sempre uma referência, uma comparação, um vínculo a ser relembrado. Dinarte é uma espécie de referencial de humanidade, que está presente no ar que se respira, no pão que se come e na água que se bebe. Sua vida demarcou uma época e um século. Pode-se dizer que a vida de Dinarte baliza uma era, é um marco divisório na história política do Rio Grande do Norte, dividida como períodos da história da civilização: AD e DD. Isto é, Antes de Dinarte e Depois de Dinarte.

Ele foi, evocando o verso de Walt Whitman, um ser especial, "generoso e pletórico como a natureza". Não se pode recordá-lo sob um ângulo e uma ótica particulares. É um todo indivisível, com brilho e grandeza totais, irradiando permanentemente energia, confiança, vontade, poder e solidariedade, que realizava o milagre de nos tornar irmãos e amigos, pela força da convivência e da união. Ao seu lado todos nós somos crentes.

O tijolo, a argamassa e a inspiração de sua vida foram a solidariedade com os seus semelhantes, a paixão pelo saber e a vontade de servir. Dinarte foi, acima de tudo, um servidor, possuído pela paixão de servir e de saber. Para ele, homem algum é uma ilha, cada pessoa é um pedaço do continente humano, e a morte de cada um é um dobrar de sinos por todos. Essa a sua perenidade e a sua eternidade. Li para eles esses versos de John Donne e nunca os esqueceu, durante mais de meio século.

Agora que os ventos de agosto não mais agitam sua cabeleira argêntea, mas despeta folhas sobre sua tumba iluminada pelas estrelas e os olhos dos amigos saudosos, vamos homenageá-lo com todo o pranto e todo o riso, que só ele sabia conduzir em seu rosto de solidão e multidão, e trazê-lo de volta pelo milagre da saudade, para uma semana de especial evocação, como se vivo estivesse, na convocação de todos os ventos, para um congresso em seu louvor, no melhor estilo do poeta Joaquim Cardoso.

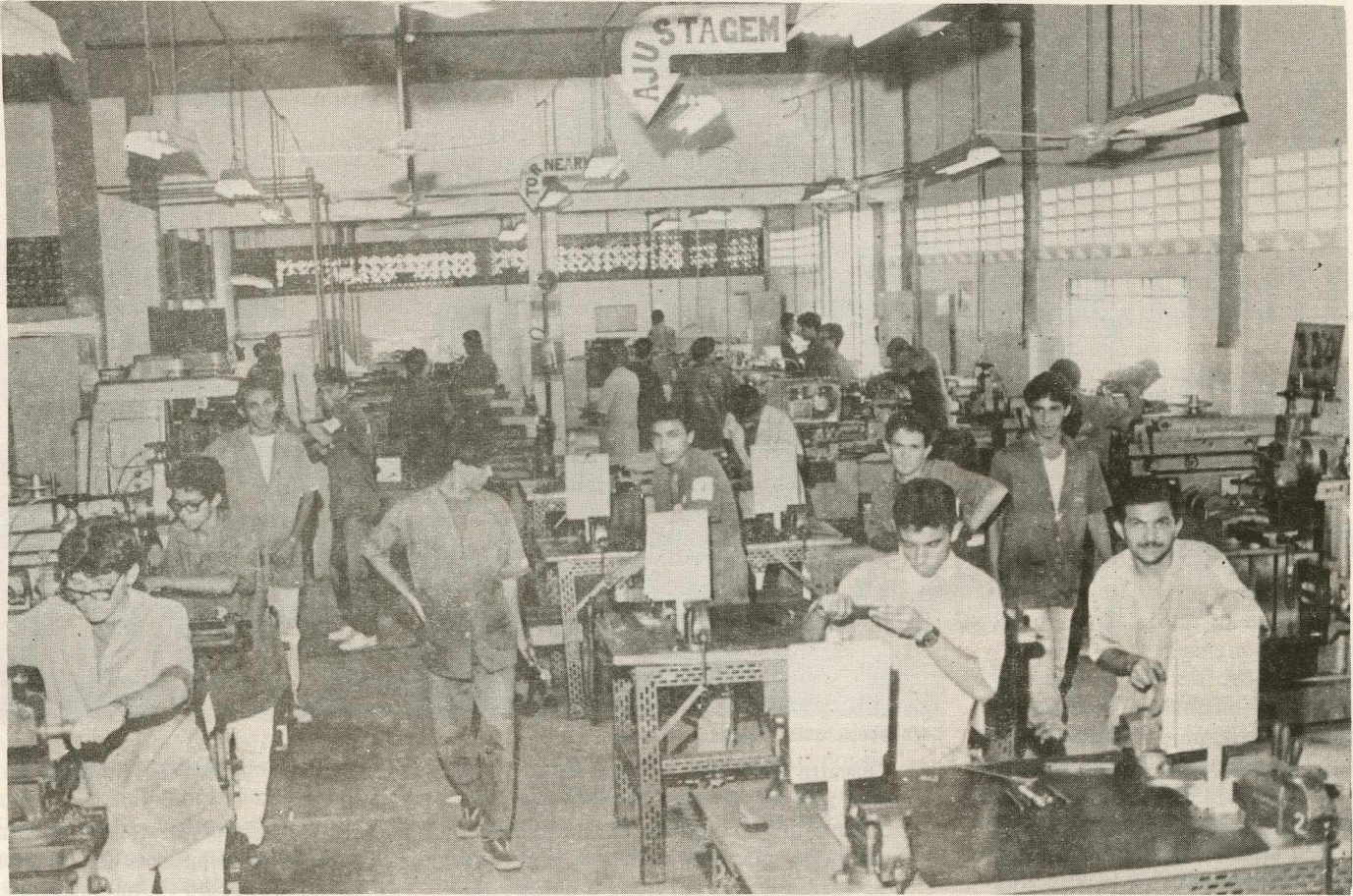
Nós que tivemos a fótuma e a alegria de conhecê-lo e com ele conviver, vamos reviver tempos felizes, glorificando-nos por esse privilégio e dádiva, ao mesmo tempo em que lamentamos aqueles que não tiveram a ventura de sua presença mágica e mítica. Para dizer quem foi essa figura, vamos buscar, na beleza do estilo e do talento de Sanderson Negreiros, essas palavras de extraordinária e chocante propriedade, escrita nos 80 anos de Dinarte:



"Quem dele se aproximou, conviveu com um ser absolutamente identificado com a alegria da vida, seu lado dionisíaco, expressionista, vital. Um ser plural, e já agora acrescido de uma experiência de saberes diversos feita, uma sabedoria que vem do povo, memorizada e acrescida no dia-a-dia da corte federal, mas prolongada por uma saudável resistência ao lfrico, ao episódio menos gratuito, intimamente ligada ao que se pode pedir ao realismo. E em Dinarte esse realismo chega a ser fantástico. E o comprova seu amor à terra do Sertão, ao sol, ao clima às vezes inconvivível, aos horizontes duros que a seca consagra como deserto refletido no céu. Na sua Fazenda Solidão, ele reencontra seu meio-dia de infância, seu despertar no outono dos dias já calcinados, vislumbrando o cheiro do ar dos sertões em só cujos hectares — ao que parece — ele se sente realmente feliz. Seus olhos hoje viram todas as miragens e não perderam o dom de sonhar. Suas mãos, que podem parecer cansadas, são vigilantes mãos que distribuíram muitas bondades e sacudiram de espanto muitos gestos quando a regra maior é de se negar tudo ao próximo, a regra final de nossa cultura civilizatória. A cabeça, guiada por uma cabeleira branca levantina, ainda continua lúcida, no aprumo da verticalidade. Os ombros podem estar arqueados — sustentaram o peso do mundo — mas foram ombros onde as mãos da amizade pousou e, no mesmo instante, deflagrou a rosa equânime da bondade fraternal".

Depois disso não há mais nada a dizer, senão rezar e pedir a Deus que sua vida, seu exemplo e sua obra se repitam, neste e noutros séculos, para glória do homem e honra da humanidade. Vamos lembrá-lo, finalizando, com estas palavras roubadas de Ledo Ivo: "Ele se divide agora em incontáveis frações de si mesmo. A que guardo é uma fração acolhedora, viva, jovial, com o frêmito daqueles espíritos que não envelhecem, aquecidos sempre pelo calor de uma eterna juventude secreta".

Honra e glória a quem soube, no dizer de Neruda, compartilhar com os seus conterrâneos o pão e o sonho.



## Há 21 anos o SENAI prepara mão-de-obra especializada para região Oeste

Há 21 anos o Centro de Formação Profissional "Ítalo Bologna", contribui de forma decisiva para o desenvolvimento industrial não apenas de Mossoró, cidade onde está situado, mas de toda a região Oeste. Criado em 30 de setembro de 1972, quando da comemoração do 30º aniversário da fundação do Departamento Nacional do Senai, o Ítalo Bologna conta atualmente com 50 funcionários e 250 alunos distribuídos nos 14 cursos profissionalizantes oferecidos pela instituição.

O Centro de Formação "Ítalo Bologna" dispõe dos seguintes cursos: Direção Defensiva; Tornearia Mecânica; Relações Humanas; Leitura e Interpretação de Desenho Técnico de Mecânica; Brigas de incêndio; Eletricista Instalador Predial; Comandos Elétricos; Bobinador; Mecânica Diesel; Eletricidade de Automóveis; Mecânica de Automóveis; Implantação de Cipas nas Empresas; Treinamento na Área de Segurança do Trabalho e TWI (Ensino Correto do Trabalho).



Estes cursos são oferecidos para maiores de 18 anos, enquanto que para jovens de 14 a 18 anos incompletos, é ministrado o 1º grau, em dois anos, juntamente com os cursos de Mecânica de Automóveis, Mecânica Geral e Eletricidade. Uma das metas do Centro Ítalo Bologna é desenvolver a criatividade dos alunos, através de estudos, pesquisas e projetos. No Rio Grande do Norte existem outros três Centros de Formação Profissional. São eles, o

CFP "Jerônimo Dix-Dept Rosado Maia", o Centro de Formação e Treinamento em Confeções "Clóvis Motta" e o Centro Móvel de Formação Profissional, todos em Natal.

### História

A história da industrialização do Brasil se confunde com a do Senai, que foi criado em 22 de janeiro de 1942, pelo presidente Getúlio Vargas. Com a criação do Senai começava a mudar o cenário industrial do país, que antes precisava importar mão-de-obra qualificada.

Passados 50 anos, o Senai mostra sua força. Conta com 6 mil professores e instrutores, 790 unidades de ensino espalhadas por todo o país e 1 milhão e 200 mil alunos matriculados a cada ano. Nestes 50 anos, o Senai já matriculou 14 milhões de estudantes.

No Rio Grande do Norte, o Senai foi criado em 1953 e desde então ministra cursos profissionalizantes nos seus quatro centros, tendo formado mais de 53 mil pessoas.

# Aspectos da poesia italiana deste século (II)

Franco Maria Jasiello

**P**or isso a descoberta da infância, de Pascoli, com o "fanciullino", o menino dentro de cada homem, retomando o discurso do FEDON platoniano, "está dentro de nós um menino que não só tem arrepios, como acreditava Cebes Tebano, que foi o primeiro a descobri-lo em si, mas lágrimas e mágoas só suas", e a mais séria, lírica, de D'Annunzio, advertida nos poemas de **ALCYONE**, em que os anos das vivências e dos sentimentos iniciais apresentam-se como contraposição à futilidade e ao cansaço da maturidade, causa de uma tristeza — só comparável à de Cesare Pavese, outro poeta da infância, mesmo que sua grandeza tenha sido mais de prosador que de poeta — que o levou a escrever: "Estação de Ancona. Noite de Sábado. Viagem para Assis. A estação está morta. Sob a vasta marquise preta as lâmpadas estão quase apagadas. As pequenas chamas ondeiam débeis sobre os bicos, nos lampiões. Os carros parados sobre os trilhos parecem defuntos envoltos em mortalhas".

Sentimento da mesma espécie deve ser precedido, na desolação de um quarto de hotel turinês, o suicídio de Pavese autor, em "VIRÁ A MORTE E TERÁ TEUS OLHOS", dos seguintes versos premonitórios:

"És o quarto escuro  
sempre lembrado,  
como o quintal antigo  
onde abria-se a alvorada".

Essa constante dos valores essenciais estabelecidos na infância e, inevitavelmente, da "dor", deve ser vista como consciência existencial, prescindindo do assassinato do pai de Pascoli,

("Voltava uma andorinha ao beiral:  
mataram-na: caiu entre espinhos")

da velhice de D'Annunzio e do inelutável destino de Pavese.

Veja-se em Ceccardo Roccatagliata-Ceccardi, o primeiro dos grandes poetas da Ligúria, antes de Camilo Sbarbaro e de Eugênio Montale,

("O pranto  
vagueia no ar em distantes solidões, oscila  
de vila em vila



desbotando ramos")  
ou, no próprio Sbarbaro,  
"a alternativa de alegria e dor  
não nos toca. Perdeu sua voz  
a sereia do mundo, e o mundo  
é um grande  
deserto.

No deserto  
contemplo-me com olhos secos".  
Umberto Saba, em sua  
cadência rude e tradicional, no mais famoso de seus poemas, A CABRA, retoma a temática da "dor":

"Numa cabra de cara semita  
senti queixar-se todo outro mal  
qualquer outra vida"

A este ponto torna-se claro que se trata de uma poesia neo-romântica acrescida dos elementos do decadentismo, guardando formas e conteúdos leopardianos, como pode-se constatar nesses versos de Vincenzo Cardarelli — poeta proveniente das experiências vanguardistas da Revista "La Voce", passando a integrar o grupo da Revista "La Ronda", de ambições restauradoras do classicismo:

"As lembranças, essas sombras  
longas demais  
do nosso breve corpo,  
esse laivo da morte  
que nós deixamos vivendo,  
as sombrias e duradouras  
lembranças")

mas, depois das inovações rítmicas e vocabulares de D'Annunzio, não teria sido possível, aos "HERMÉTICOS", retomarem, simplesmente, o canto de Leopardi e o acento dramático de Foscolo. O límpido cantar de Ungaretti resulta, sem dúvida, daquela tradição italiana da grande poesia com origens no **Dolce Stil Nuovo** de Guido Guinizelli, Guido

Cavalcanti e Dante Alighieri que com Petrarca, Parini, Foscolo e Leopardi, atravessa seis séculos, de 1200 a 1800, até encontrar os ecos clássicos e épicos de Carducci — que se esgotam no estreito âmbito da dicção professoral, conseguindo, apenas em alguns momentos felizes, retomar o "tempo poético" — mas resulta, principalmente, daquilo que, ousadamente, chamarei de **renascimento decadentista**, iniciado com a adesão ou a repulsa a D'Annunzio.

Refiro-me a Ungaretti porque sua poesia foi a primeira a usar a palavra como meio de ruptura com um hábito, com o uso que a palavra se aceitava em um poema. Diz ele próprio em "Razões De Uma Poesia": "de imediato pareceu-me como a palavra deveria nascer de uma tensão expressiva que a completasse pela premissa de seu significado". Valham de exemplo alguns versos que mostram a intensidade lírica dos sentimentos dispostos no espaço das palavras ungarettianas de "A ALEGRIA":



D'ANNUNZIO

i Meridiani

Arnoldo

Mondadori

Editore

Versi d'amore  
e di gloria

"É a hora das janelas fechadas,  
mas  
esta tristeza de ciclos tirou-me  
o sono.

Um véu de verde será novo  
amanhã de manhã nestas  
árvores.

há pouco quando a noite caiu,  
ainda secas.

Deus não se conforma.  
Somente nesta hora é dado, a  
algum raro sonhador,  
o martírio de ir ao encalço de  
sua obra".

Percebe-se, de forma inequívoca, a postura antidannunziana e antidecadentista de Ungaretti, inimigo de esteticismos, de super-homens, da anulação humana perante a máquina, de palavras carregadas de "melancolia sensual", e esta severidade, este rigor conventual o acompanharam até à morte, no entanto, a perda do filho, Antonietto, durante o período da estada do Poeta no Brasil, na Universidade de São Paulo, resultou nas líricas de "IL DOLORE" (A DOR), onde sente-se a necessidade da

construção poética quase petrarquesca e, até, de certa adjetivação que se reporta ao D'Annunzio sóbrio e mais complexo, veja-se:

"Erguias os braços como asas  
E novamente fazias nascer o  
vento

Correndo no peso do ar imóvel.  
Ninguém viu nunca pousar  
Teu pé leve de dança".

E, em seguida, no volume intitulado "UM GRITO E PAISAGENS", esses versos do poema "Cristaste: Não Respiro...":

"Pago, sobrevivendo a ti, o  
horror

Dos anos que te usurpo,  
E que a teus anos somo,  
Demente de remorso,  
Como se, entre nós mortal,  
Tu continuasses crescendo;  
Mas cresce somente, vazia,  
Minha velhice odiosa..."

Observe-se como o ritmo e a disposição métrica assumem o "tempo" da Canção:

("Claras, frescas e doces  
águas,  
onde o belo corpo  
pousou a única que a mim  
parece mulher")

de Francesco Petrarca e os motivos do "Infinito" de Giacomo Leopardi,

("E como o vento  
ouço fremir entre estas plantas,  
aquele  
silêncio infinito a esta voz  
comparo; e lembro de repente a  
eternidade,

as mortas estações, e a presente  
e viva, e os seus sons.")

mas não pode ser esquecido o D'Annunzio desses versos da "Tarde Fiesolana", em relação à iminência da noite:

"onde nosso sonho descansa  
e parece que o campo já se sinta  
por ela submerso no gelo noturno  
e dela sorva a paz esperada  
sem vê-la".

Quasimodo e Montale, trazem ecos dannunzianos em seu cerrado hermetismo, apesar do repúdio montaliano aos "poetas laureados" que "se movem somente entre plantas dos nomes pouco usados", aparecendo, em Quasimodo, na mitologia da infância na Sicília, no diálogo estabelecido entre um passado irrecuperável e um presente inaceitável. Diálogo que encontra sua mediterrânea e solar plenitude nesses versos de "O Eucalipto", do livro "ED É SUBITO SERA", (E LOGO CHEGA A NOITE),

"Afliges-me, dolorosa  
renovação,  
aroma de infância  
que pouca alegria acolheu,  
enferma já por um amor secreto  
confiado às águas".

Quasimodo, quanto o adriático D'Annunzio, é "grego", isto é,



homem mergulhado na lúcida poesia dos líricos gregos — que traduziu admiravelmente — não só pela escolha literária que é, finalmente, aquela de toda a poesia italiana, mas por ter nascido em Siracusa e ter-se alimentado da realidade da fábula helênica e pré-helênica, inscrita nos gestos, nas pedras e na religiosidade da Sicília, sempre presente no ato indispensável de rememorar, por isso, medida de sua essencialidade,

"Ilha matutina:  
aflora em incerta luz  
a raposa de ouro  
morta junto a uma nascente".

Essencialidade de lírico grego usada por Quasimodo para, inapelavelmente, em "O FALSO E O VERDADEIRO VERDE", definir a monstruosidade da impostura inconseqüente do consumismo,

"Da rede do ouro pendem  
aranhas repugnantes".

São de Montale esses versos de claro acento neo-clássico-romântico:

"Esqueceste a casa dos  
aduanheiros  
na elevação a pique sobre os  
escolhos:  
desolada espera-te desde a noite  
em que lá entrou o enxame do  
teu pensar  
e irrequieto pousou".

É fácil perceber algo da oratória de Ugo Foscolo, de sua melancolia, veja-se:

"Merecidamente, visto que  
consegui  
abandonar-te, agora grito às  
frementes  
ondas que batem nas rochas, e  
meus prantos  
dispersam os surdos ventos do  
Tirreno."

No entanto a atmosfera de Montale é ainda mais "indecifrável" que aquela de Foscolo e manifesta-se (ou esconde-se), na força plástica da paisagem metafísica (quase fosse a descrição de um quadro de De Chirico), contendo aquele elemento misterioso — quer na escolha vocabular, quer na busca da identidade humana, dos objetivos e

dos animais — que espreita emblemático, em cada poema, como o elemento místico — outro nome do mistério-espreita em alguns poemas de D'Annunzio. Talvez, os versos que seguem, do poema "Arsênio", da obra "OSSI DI SEPPIA", (Ossos de Siba), resumem todo o universo montaliano:

O temporal levanta a poeira  
sobre os telhados, em turbilhões,  
e nas praças  
desertas, onde os cavalos  
encapuçados  
farejam a terra, parados diante  
dos vidros reluzentes dos  
hoteis".

Afinal D'Annunzio deve ser visto em sua justa luz de grande poeta, mesmo que só em determinados momentos, mas, antes de mais nada, como aquele que permitiu, até involuntariamente, o impulso e o desenvolvimento da poesia italiana deste século que, sem dúvida, é das mais importantes poesias da História da Literatura, iniciadora de uma linguagem revolucionária (veja-se, a propósito, a adjetivação de Mario Luzi: "Fala o cipreste equinocial", de Leonardo Sinisgalli: "Lembra as belas maiúsculas, as eternas/ palavras e um só nome, Prisca/ que dorme jovem com as Musas" e de Vittorio Sereni: "Não é música de anjos, é só/ minha música e basta-me"). Linguagem que rompe, definitivamente, com estruturas e cânones e que encontra sua própria verticalidade na valorização da palavra como único instrumento lírico da imagem.

Linguagem que encontra sua postulação nas seguintes palavras do primeiro "lírico puro", quando à cronologia, Arturo Onofri: "A poesia não é música nem humanidade nem sentimento de nada. A poesia tende a eliminar de si mesma toda música, para dar-se íntegra, sob espécie de imagens do verbo. Destacar as imagens; basta com as sílabas. Na poesia não há nada para entender, para explicar, para traduzir, para comentar, para divulgar".

---

Conferência pronunciada no dia 11.XX.91, no auditório "Hélio Galvão", da Fundação José Augusto, em Natal-RN, por ocasião da Semana da Cultura Italiana, promovida pelo Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, Fundação José Augusto e Babilônia Línguas e Culturas, pelo poeta Franco Maria Jasiello, como contribuição da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

---

# A ODISSÉIA DA CATALINA



Fernando Hipólito

**A** passagem de um avião "Catalina", por Natal, com objetivos turístico e histórico, constitui-se num evento que mereceu grande destaque na imprensa local, assim como despertou bastante a curiosidade popular.

A idéia partiu de uma conhecida agência holandesa de turismo, a PETER STUYVESANT TRAVEL que planejou e executou a mais famosa aventura de 1993, no caso "uma fabulosa e executou a mais famosa aventura de 1993, no caso "uma fabulosa viagem e seis semanas a bordo de um hidroavião "Catalina", veterano da 2ª Guerra Mundial, que, por suas características e também por ter saído de um museu para empreender essa viagem, simboliza com perfeição uma aventura".

Daf, a referida empresa ter pintado na proa azul do avião, além da sua denominação, a palavra ODYSSEY, pois, na realidade, esse vôo foi uma autêntica odisséia.

Vamos relatar, em breves linhas, como decorreu esse reide e o significado histórico da presença do "Catalina" em Natal.

## A AERONAVE E SUA ROTA

O avião PBY-5A, "Catalina", modelo anfíbio, com prefixo Z-CAT (originário de Zimbábue, antiga Rodésia, localizado no sul do continente africano), foi retirado do Museu Aeroespacial de Duxford, na Inglaterra, onde

se encontrava em perfeitas condições de utilização, sendo supramencionada empresa turística, e depois das necessárias revisões, adaptação de poltronas e equipamentos especiais, foi submetido a vôos de experiência e considerado como disponível para executar a anunciada odisséia.

O roteiro teve como ponto de partida a cidade de Amsterdam, capital da Holanda, onde embarcou um grupo de jornalistas e cinegrafistas, de nacionalidades francesa e holandesa.

A dosagem ocorreu a 1º de junho de 1993 e a rota percorrida foi a seguintes: Paris, Bordeaux, Gibraltar, Marrocos, Cabo Verde, NATAL, Fernando de Noronha, Belém, Manaus, passando pela América Central, Estados Unidos, Canadá, Groelândia, Islândia, retornando a Londres onde o "Catalina", após 45 dias de viagem, foi devolvido ao Museu de Duxford.

A viagem programada pela PETER STUYVESANT TRAVEL teve duas finalidades: a divulgação do turismo, através de filmagens e fotografias dos principais pontos de interesse turístico e histórico, com exibição posterior nas principais redes de televisão européia (quatro programas com duração de uma hora cada) e, a rememoração histórica da odisséia do aviador francês JEAN MERMOZ que realizou a primeira travessia aérea do Atlântico Sul, transportando malas postais, tendo pousado no Rio Potengi, em 13 de maio de 1930.

O avião operado nesse espetacular salto sobre o Atlântico Sul, cuja etapa vencida de São Luiz do Senegal a Natal consumiu mais de 20 horas de vôo, foi um pequeno monomotor, com flutuadores, do tipo "Laté 28", matrícula F-AJNÓ.

Além de Mermoz, os outros tripulantes eram Jean Dabry (navegador) e Leopoldo Gimié (radiotelegrafista), e todos pertenciam à Compagnie des Lignes Latécoère, transformada em 1927 na Compagnie Générale Aéropostale e, em 1933, na Air France.

No dia 9 de junho, o "Catalina" decolou de Cabo Verde às 4:10 horas (hora de Brasília) e após um vôo de 14 horas e 30 minutos, sem escalas, pousou no Aeroporto Augusto Severo; a chegada em Natal foi comemorada com champanhe pelos tripulantes e passageiros do Z-CAT.

No dia seguinte, a comitiva realizou filmagens no Forte dos Reis Magos (que esteve sob o domínio holandês de 1633 a 1654), e em outros pontos turísticos da cidade natalense.

O "Catalina", pilotado pelo australiano Brian Mc Cook, evoluiu sobre a cidade e fez uma aterrissagem simbólica, lembrando os pousos dos antigos pioneiros no Rio Potengi.

Em seguida, foi oferecido um almoço à comitiva estrangeira, assim como a convidados especiais de Natal, no aprazível local do Iate Clube de Natal. A empresa holandesa de turismo ofereceu um vôo panorâmico a alguns convidados, incluindo aviadores civis e militares, e representantes da imprensa natalense.

Depois de gravadas algumas entrevistas, a comitiva recebeu do presidente da Fundação José Augusto, Dr. Iaperi Araújo, entre outros presentes, uma reprodução do escudo do Brasil-Holandês, em madeira, como também dois vistosos suportes de livro de mármore com o mapa do Rio Grande do Norte. Os visitantes ficaram instalados no Genipabu Hotel.

Os aviões do tipo CATALINA foram fabricados, nos Estados Unidos pela Consolidated Aircraft Corporation, em modelos diferentes: PBY-5 (somente hidroavião), PBY-5A (anfíbio, pousando tanto em terra como na água) e PBY-6A (também anfíbio).

O que participou da "Odyssey" foi um do tipo PBY-5A, fabricado em 1944. Esse avião apresenta uma característica marcante: as asas são de grande extensão, quase 32 metros; o comprimento (fuselagem) é de pouco mais de 20 metros.

Originalmente, o "Catalina" era equipado com dois motores do tipo

Pratt & Whitney Twin Wasp, radial com 14 cilindros e com potência, cada um, de 1.200 HP.

A velocidade de cruzeiro (vôo nivelado) é de 200 quilômetros por hora e a velocidade máxima é de 314 quilômetros por hora, portanto, o "Catalina" é considerado um avião lento.

De acordo com os diversos modelos fabricantes, o peso vazio do "Catalina" varia de 8.000 quilos a 9.500 quilos e o seu peso máximo pode oscilar de 15.400 quilos a 16.000 quilos.

## OS AVIÕES "CATALINA" NO BRASIL

Os primeiros aviões "Catalina" chegaram a Natal em 11 de dezembro de 1941, constituindo o grupo VP - 52 da Marinha dos Estados Unidos. Eram 24 aeronaves que participaram de missões de patrulhamento aéreo e salvamento no mar (ocasionalmente), no desenrolar da 2ª Guerra Mundial.

Os "Catalinas" pousavam e decolavam do Rio Potengi e a base de apoio era a "RAMPA". Nesse local,

havia uma ampla área de estacionamento para os aviões, com hangar, oficinas, depósitos de suprimento, refeitórios e 14 tanques de reabastecimento com gasolina de aviação.

Existiam alojamentos para 38 oficiais e 240 subalternos, e ainda, uma rampa de duas seções: uma de concreto e outra, com piso de madeira apoiada sobre uma base de pedra.

Um berço de ferro, com rodas maciças de borracha, descia essa rampa e transportava os aviões anfíbios do rio ao pátio de estacionamento. Essa é a razão pela qual aquele local ficou conhecido como "Rampa".

A primeira empresa aérea comercial brasileira que operou em Natal, empregando aviões do tipo "Catalina", foi a Aero Geral.

As viagens ligando a capital potiguar ao Rio de Janeiro tiveram início em março de 1947, com a operação de quatro aeronaves "Catalina" PB Y - 5, adquiridas da comissão que administrava o material norte-americano excedente de guerra.

Em maio de 1952, a VARIG absorveu a Aero Geral.

A Força Aérea Brasileira teve 31 aviões "Catalinas" que foram empregados durante 39 anos, isto é, de 1943 a 1982. Existem ainda dois exemplares: um no Museu Aeroespacial do Campo dos Afonsos, Rio de Janeiro e outro, na Base Aérea de Belém, mantidos como verdadeiras relíquias.

Os primeiros "Catalinas" foram recebidos, pela FAB, da Marinha Norte-Americana, em 1943, destinados aos vôos de patrulhamento ao longo do litoral brasileiro, sendo distribuídos nas Bases Aéreas de Belém, Galeão e Florianópolis.

Após a 2ª Guerra Mundial, foram operados como aviões de transporte e correio aéreo, especialmente na Amazônia, ficando todos baseados em Belém, a partir de 1946.

\* Fernando Hippolyto da Costa é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.



## Odiléia inaugura Biblioteca Auta de Souza

A prefeita de Macaíba, Odiléia Mércia da Costa Mesquita, assinou a lei 340 de 26 de julho de 1993, que criou a Fundação Cultural e de Meio Ambiente do Município - FUMAC. "Uma entidade com personalidade própria, com autonomia administrativa, técnica e financeira para desenvolver um programa cultural", disse a prefeita.

Dentro do vasto projeto que será desenvolvido com a implantação da FUMAC o primeiro já começa a se transformar em realidade: a reabertura da Biblioteca Municipal Auta de Souza. Nos últimos anos a referida instituição sofreu um desgaste, do ponto de vista das instalações físicas do seu acervo, deixando inclusive de funcionar.

## NOVAS INSTALAÇÕES

Na administração anterior da prefeita Odiléia Mesquita a biblioteca tinha sede própria funcionando numa construção adequada às suas atividades. Na administração anterior passou a funcionar em uma sala da Secretaria de Educação, com isso, ficou limitado o horário de atendimento ao público, e sem os cuidados necessários, consequentemente, suas funções foram perdendo suas características tendo sido desativada.

Com a criação da Fundação de Cultura a biblioteca Auta de Souza será reativada, funcionando em um casarão localizado à rua no centro da cidade, com local para um salão de artes plásticas. Duas salas foram alugadas para instalar a biblioteca.

Informa a prefeita de Macaíba que está sendo feito um levantamento para identificar a bibliografia e de quantos volumes se constitui o acervo. Odiléia ressalta: "O mínimo que um governo pode fazer pela cultura da cidade, é ter à sua biblioteca atualizada, oferecendo opções de crescimento intelectual a comunidade em especial aos jovens. O importante é tirar do passado lições para o futuro".

Quando das comemorações dos festejos de emancipação política da cidade de Macaíba, no mês de outubro, a biblioteca Auta de Souza estará aberta ao público. Informa ainda Odiléia que solicitou à Biblioteca Pública Câmara Cascudo, através de sua diretora Sônia Ferreira, apoio necessário para orientação e treinamento de recursos humanos, no que foi imediatamente atendida. A Biblioteca Pública Câmara Cascudo pertence à Fundação José Augusto.

A prefeitura de Macaíba está encaminhando quatro menores do projeto "Criança de Macaíba" os quais serão treinados para exercerem suas atividades na Biblioteca Auta de Souza. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte também está apoiando a iniciativa de Macaíba.

Após a instalação oficial da biblioteca haverá uma campanha com o intuito de sensibilizar a comunidade macalbense e natalense a realizarem doações para enriquecer o acervo da biblioteca Auta de Souza.

# TERCEIRA CHAMADA

\* Marcos Bulhões

Senhoras e senhores, o espetáculo vai começar!

Nos bastidores, as batidas do coração trazem sempre uma gostosa sensação de estréia.

Lá está o Ator. Literalmente, o agente do Ato. Corpamente aquecido, preparado para o Ofertório, numa mistura impar de prontidão e entrega, exibição e morte do ego. O supremo prazer de enfrentar o misterioso. A certeza de que tudo foi devidamente ensaiado, durante meses mas, como na vida, tudo pode dar errado. Ele sabe que o previsível é uma utopia e o barco, por mais preparado que esteja, nunca domina o mar.

À cortina se abre. A luz inicia o ritual que desde o início da humanidade se repete de múltiplas formas, em todas as civilizações. Do *Kabuki* japonês ao absurdo discurso de Beckett, seres humanos contando histórias para outros seres humanos, que assistem/ participam.

O espetáculo se desenvolve, tecendo sua trama e estabelecendo um fio invisível que une os dois polos, artista-platéia, numa comunhão insubstituível. Aqui e Agora, pulsando juntos, todos acreditam na convenção do Faz-de-Conta e a fantasia abre janelas para a recriação de Universos. Trampolins para o mergulho interior ou sábia brincadeira através e além de nossas máscaras? Drama ou comédia, o teatro só existe agora, nesse instante de encontro.

No palco, o Ator é como um sacerdote que celebra o tito expondo seu próprio ser em sacrifício. Na verdade, o que lhe move é um profundo amor pelo Outro, a humanidade. Por isso está ali, doando sua energia, voz, gesto, emoção para a construção da obra de arte. Ele é o seu próprio instrumento de trabalho, criador e obra fundindo numa amálgama preciosa.

Termina o espetáculo. O aplauso vem como brisa que acaricia a face do navegador ao concluir a travessia. Completa-se o rito.

Imerso em estranha alegria, vitorioso, o ator caminha para o camarim, retira a máscara e se desnudo, humilde servo de Dionísio. Percebe-se pleno mas, orgulhoso ou não de seu poder alquímico, ele sabe do ser efêmero de sua Obra. Restrito à temporalidade, o artista do palco depara-se constantemente com a Morte. Após cada final, uma esperança de ressurreição. Amanhã haverá espetáculo? Amanhã o Outro, a quem ele ama e de quem depende para existir enquanto artista, estará aqui?

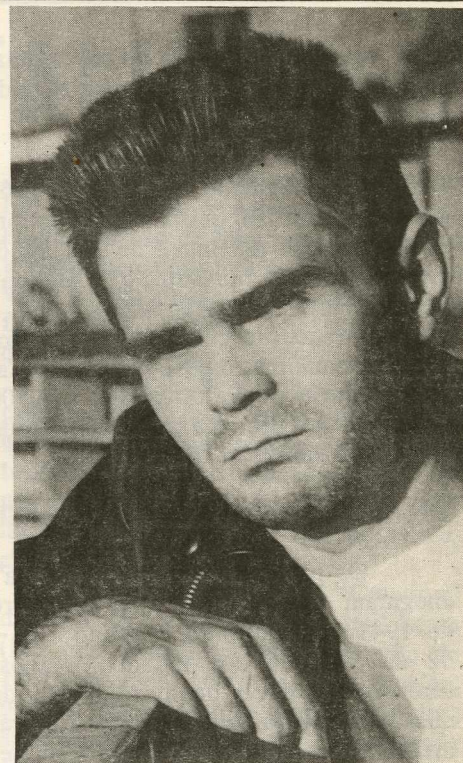
Sua obra não sobrevive sem ele. Trágica e irônica situação de uma arte que nasceu nos rituais onde primitivos representavam a negação da Morte.

O Teatro, talvez a mais completa celebração da vida, não transcende o tempo. Passado aquele momento, resta-nos o texto, literatura dramática ou fotografias e vídeos, meus registros.

Quando um ator morre, leva consigo a sua arte. Se hoje podemos nos encantar com a poesia do desenho e da palavra de Navarro, ou com a magia sonora de Villas Lobos, como encontraremos a arte de um ator de teatro que já se foi?

Penso na ausência de Fernando Athayde, que partiu no último agosto. Posso falar do seu talento, da busca constante pela perfeição do gesto, da emoção, da precisão da palavra. Da dedicação que tinha pelo exercício do fazer teatral, a procura incessante pelo domínio técnico. Posso registrar aqui, nesta página onde tentamos prestar-lhe uma homenagem, que ele buscava ser um ator-sacerdote, dedicado à sua arte. Sim, porque muita gente faz teatro por hobby, terapia ou por puro exibicionismo. Poucos são aqueles que o fazem por uma necessidade de manter viva a chama acesa por Téspis, séculos atrás. Fernandinho buscava a plenitude na realização do seu ofício.

A montagem do espetáculo "A Missão", pela Stabanada Cia. de Repertório, é um exemplo claro de sua determinação e coragem. O texto de Heiner Müller, denso, retórico, questionava os valores da revolução, liberdade, da pátria, do homem contemporâneo. Em forma de pesadelo, abria a ferida da traição e da morte. Para completar, seria primeira montagem deste texto no país, e numa cidade sem a menor tradição de ver teatro. Ele aceitou o desafio, numa encenação que transformava os treze personagens em um monólogo de difícil realização. Foi nessa época que nos conhecemos. Seu carisma convenceu também João Marcelino e, juntos, sob a batuta de Carlos Nereu, embarcamos na loucura de realizar um obra deste porte, nada comercial. Tínhamos a necessidade de experimentar e viver "A Missão",



Fernando Athayde

apostar no que parecia ser impossível, romper limites. Para ele, a gestação durou mais de um ano de ensaios e exercícios de musculação e pesquisa histórica. O resultado? Muita chuva e pouco público na primeira temporada em Natal, todos os prêmios de melhor ator em todos os festivais em que ele concorreu, o reconhecimento da crítica e a acolhedora apresentação no Teatro Alberto Maranhão, no retorno das viagens. Natal o aplaudiu de pé, teatro lotado, somente depois da consagração de outras aldeias.

Durante o tempo em que caminhamos juntos, Fernando se mostrava incansável batalhador e nos contaminava com sua esperança, a vontade de querer sempre mais, acreditando em seu poder.

No dia 16 de agosto ele nos deixou. A cidade perdeu um dos seus mais apaixonados celebrantes e, se quando morrem, os Atores levam consigo a sua Arte, eles podem permanecer enquanto história e exemplo.

Fernando cultuava a beleza e certamente por isso preferiu enfrentar a morte em São Paulo, como um retiro necessário à inevitável solidão desse momento.

Ficamos com sua imagem viva, com sua voz em cena, nas palavras de Müller:

*"Tiro a minha roupa e jogo fora. As aparências não enganam mais.*

*Algum dia, o Outro virá ao meu encontro, o Antípoda, o sócio com meu rosto de neve.*

*Um de nós sobreviverá".*

\* Marcos Bulhões — produtor, ator e profissional de Teatro.

# O GALO CONTA

## REVOLUÇÃO

Um Estudo Sobre a Formação do Centralismo em 30 é o trabalho do professor universitário paraibano, José Otávio — "A Revolução Estatizada", que encontra-se na 2ª edição.

## IMPRENSA

O repúdio dos que fazem O Galo, a condenação pelo Tribunal de Justiça, para o editor do Jornal de Natal, Francisco Duarte Guimarães, a quatro meses de prisão. O fato é inédito na imprensa do Estado. Fato que fere a liberdade de expressão conquistada a duras penas pelo povo brasileiro e tão significativa para o desenvolvimento de qualquer democracia.

Uma medida retrógrada. Arbitrária. Resquícios de entulho autoritário por que passou o País. O fato mancha a imagem da justiça. Certamente a medida será reavaliada, para a justiça do RN não, entre, para a história, por algo tão indigno: Colher o direito a liberdade de pensamento e expressão da imprensa potiguar.

## RIBEIRA

Entidade sem fins lucrativos, Sociedade de Amigos da Velha Ribeira foi criada durante cerimônia realizada no Teatro Alberto Maranhão. Antes, promovido pela Fundação José Augusto, ocorreu o Seminário "Ribeira Velha de Guerra". A TV. Tropical promoveu um debate sobre o tradicional bairro entre os jornalistas Eugênio Neto, Roberto Guedes, Wellington Medeiros e a editora de O Galo, Auricélia de Lima. A primeira diretoria será presidida pelo administrador de empresas André Luciano. O empresário Luiz Flôr ficou na vice-presidência e o comerciante Airten Costa como diretor-administrativo.

## RAQUEL

A grande estrela do Seminário Mulher e Literatura, coordenado pela professora Constância Lima Duarte, do Departamento de Letras da UFRN foi a escritora cearense Raquel de Queiroz, autora de "O QUINZE". Diz a escritora e acadêmica que "sem ser baírrista, o melhor que se produziu na literatura no País, foi mesmo produzido pelos nordestinos". A autora dos históricos artigos da última página da revista O Cruzeiro, aos 82 anos, expressa uma jovialidade de fazer inveja. Recentemente publicou "Memorial de Maria Moura", e está produzindo um novo trabalho que deverá ser intitulado "Ana e o Vovô", homenagem à sua bisneta.

## ADESG

A delegada Regional da Associa-

ção dos Diplomados da Escola Superior de Guerra — Adesg — professora Zélia Madruga, informando que a instituição promove de setembro a dezembro, mais um ciclo de Estudos de Política e Estratégia. A Adesg é uma Sociedade Civil sem fins lucrativos, fundada em 07 de dezembro de 1951 e considerada de utilidade pública pelo Decreto nº 36.359 de 21.10.1954. A sede central, Escola Superior de Guerra — ESG —, fica no Rio de Janeiro.

## CEPEJUL

O CEPEJUL, em convênio com a UNIPEC, lança neste mês de outubro, o primeiro número do "CADERNOS CEPEJUL", revista que apresentará, além de relatos sobre figuras da História Norte-rio-grandense, resenhas dos trabalhos realizados pela FJA e outros órgãos afins.

## CONVÊNIO

O CEPEJUL acaba de elaborar três anteprojetos. Dois sobre a reedição das Histórias de Macaíba e Parnamirim (trabalhos já feitos pelo CEPEJUL), e um sobre a História da FIERN — Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte. Todos estão em fase de entendimento com as respectivas Entidades.

## NUDEZ

Afrânio Pires, poeta, e Jânio Varela, artista plástico, estarão lançando mais um livro, resultado da unificação de esforços de ambos.

NUDEZ TEMPORÁRIA, livro de Afrânio que foi Menção Honrosa no concurso literário OTONIEL MENEZES, de 1985.

O lançamento será na Capitania das Artes.

## DIDÁTICO

Editado pela GRAFSET salu a 1ª edição do livro "Rio Grande do Norte, Nossa Gente e Nossa História", que a professora Marlúcia Galvão Brandão elaborou e está entregando à classe estudantil potiguar.

É uma obra didática marcante, que fala desde a recolonização da Capitania até a Revolução de 30, explicando agilmente ao alunado, fatos e legendas de nossa história.

As ilustrações são de Emanuel Amaral.

## REGISTRO

NOSSO PROTESTO ao massacre dos índios Ianomâmis. Extermínio de menores na Candelária e Moradores da favela vigário Geral, no Rio de Janeiro. A fome e a miséria crescem assustadoramente. A inflação está sem um controle. Os meninos de rua estão a mercê

do tempo. A prostituição, consequência das questões sociais, é outra gritante realidade.

## CULTURA

A editora de O Galo, Auricélia de Lima, e o programador visual Gilberto Alves participou do I CONGRESSO DE CULTURA NORDESTINA, realizado em João Pessoa. A promoção foi bastante significativa para os estudiosos do tema. Uma tarde inesquecível: Os poetas Carlos Nejar e Marcos Aclóji recitando para uma platéia de quase 400 pessoas.

O Rio Grande do Norte marcou presença com os professores Eduardo Assis Duarte, do Depto. de Letras da UFRN e Graça Medeiros do NEPAN — Núcleo de Estudos Nísla Floresta, que é coordenado pela professora Constância Lima Duarte.

## RITO

A jornalista Marizé de Castro lançando mais um livro de poesia. RITO, editado com o apoio da Fundação Santa Maria e Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da UFRN. Numa noite concorrida Marizé entregou aos amantes de sua poesia, um trabalho que certamente marcará sua nova fase, após 10 anos do lançamento de Marrons Crepons e Marfins. Sucesso.

## LÚCIO

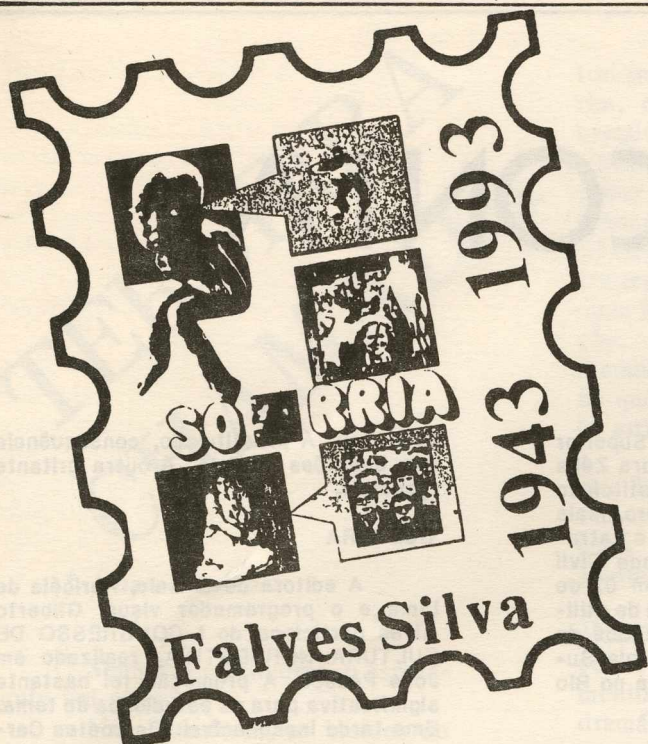
Registramos com pesar o falecimento do grande cantor brasileiro Lúcio Alves, em 04 de agosto de 1993, aos 66 anos. Está entre os três ou quatro maiores cantores do País, juntamente com Cyro Monteiro, Orlando Silva, João Gilberto. Alguns de seus sucessos: Estrada do Sol, Idéias Erradas, A Noite do Meu Bem e Valsa de Uma Cidade.

## DORIAN

O jornalista Dorian Jorge Freire foi indicado professor emérito da Universidade de Mossoró. A entrega foi realizada pelo reitor Antônio Gonzaga Chimbino, no auditório da Reitoria. Uma justa homenagem a quem tantos serviços vem prestando a cultura e ao jornalismo do Estado do Rio Grande do Norte. Os nossos parabéns.

## ACORDO

Acordo de paz firmado entre Israel e Jordânia, tem por objetivo alcançar "paz justa, duradoura e abrangente entre os Estados árabes, os palestinos e Israel, "como prevê o convite" à conferência de paz de Madrid". Yasser Arafat estendeu a mão a Yitzhak Rabin em Washington. Mais uma mudança mundial nesse final de século. Paz entre os povos.



Bianor Paullino

“Até 1966, as manifestações culturais do Rio Grande do Norte limitavam-se a Norte e Sul, Leste e Oeste por Luís da Câmara Cascudo”, conforme Nei Leandro de Castro no Correio da Manhã, Rio Janeiro, 1968. Estas manifestações jamais ultrapassavam as fronteiras da região nordestina, perdiam-se nos suplementos literários de João Pessoa, Recife e Fortaleza. Até aí, então, o poema, como preocupação formal, e as artes plásticas, embriagadas pelo lixo do potengi, viviam timidamente às custas de um Jorge Fernandes, um J. Bezerra Gomes e um Newton Navarro, tentando sair dos muros infuncionais da província. A ruptura desse contexto somente aconteceria com o advento da poesia concreta e o posterior desdobramento do poema-processo, influenciada por uma ideologia anarco-marxista de formas revolucionárias. Apoiada por essas propostas, uma nova geração viria modificar todo o cenário literário e artístico da terrinha de Poty. De um modo geral esta geração era formada por Moacyr Cirne, Anchieta Fernandes, o já citado Nei Leandro, Dailor Varela, Frederico Marcos, Marcos Silva, Falves Silva e etc. e tal.

Desse panorama efervescente, tentaremos salientar aqui um elemento apenas, dado a sua relevância artística e a radical continuação da proposta formal e antiliterária, e, além disso, em plena comemoração de seu cinquentário de vida, o paraibano Falves Silva (1943/1993), a muito embrionado por essas bandas. Autodidata. Designer. Operador de linguagem. Leitor de Joice, Henry Miller, Kafka e Guimarães Rosa. De formação cineclubística, com preferência aos filmes de Godard, Resnais, Antonioni, Hitchcock, Fellini. Participante das duas primeiras produções do cinema potiguar com “O Jovem audaz no trapézio volante” e “Versão de uma estória curta de William Saroyan”. Autor de vários livros, poemas, jornais, projetos e intensas exposições nacionais e internacionais. Diríamos que sua ação contracultural extrapola as fronteiras não ainda percebidas nem determinadas por críticos literários. Aliás, a sua dimensão produtiva legítima críticos antiliterários.

Pela sua posição irreverente e antiliterária, ele come o pão que o diabo ama (alcatéia maldita). Amado por uns, odiado por outros, estes principalmente poetas de anéis nos dedos que no mais do acontecer dormem com Drummond e acordam com Cabral, num reumatismo acadêmico rastejante de quem nasceu para ser jacaré e nunca chega a avestruz. Sim. Temos dito. Falves Silva não é um poeta. Pois acreditamos, veementemente, que

# A INTERTEXUALIDADE DE FALVES SILVA

o poeta hoje é uma raça em extinção pelas características determinantes do chorare psicológico. Vejamos, portanto, o depoimento de Moacyr Cirne, que nos dá o fogo desta visão: “ele não ‘cria’ poemas o que seria cair no vício humanista da ‘criação’ idealizada segundo padrões acadêmicos; ele produz poemas, o que implica a materialização de linguagens”. Em suma, a rigor, também não é um artista plástico. É um operário multidirecional de pesquisa de linguagens. Um transgressor de estruturas, situado numa relação real e social de prática semiológica num determinado tempo sincrônico. Prática semiológica porque sua produção e ação estão inseridas no signo social poético e político de uma realidade, haja vista a materialização (re)utilizada como significantes: tinta de impressão, nanquim, carimbos, fotos, corte e recortes de jornais e revistas, intervenção no código alfabético e numérico.

Admirador de Picasso, Dali e Mondrian, de onde surgem as primeiras observações estilísticas: uns atropelam-no de cubista, outros de surrealista, mas sua inquietude formal o leva mais longe: retoma as propostas de um Wladimir Dias-Pino, articulador mor de poemas no país, por exemplo, e se insere nos abismos contingentes dos procedimentos antiliterários, geradores de sua intertextualidade, típica do “discurso sobre discurso” de Júlia Kristeva; porém, identifica-se com a radicalidade do Ready-Made de Marcel Duchamp, através da absorção, limpeza e montagem do lixo industrial. Exemplo: América América, Ponto, Sorria, Escrita, Brasil 83 e etc. São poemas/projetos, abertos para uma metacodificação gráfica de possibilidades participativas: versões teóricas e práticas. Em síntese, o discurso falvesiano do intertexto com o corte gráfico atinge as posições e sobreposições dos significantes formais de um processo transformacional de funcionalidades e leituras experimentais. Funcionalidades essas que se sustentam numa hibridização estética de diversas leituras labirínticas. Leituras que refletem sutilmente a imagem do anti-herói: precisamente pela enquadrinização isolacional dos blocos figurativos, onde se gera a densa solidão dos anti-heróis: os seres humanos são mais vítimas cotidianas do que super-heróis, determinados como estão pela temática do sexo, medo, amor, da guerra, fome, liberdade e política. Acrescentaríamos ainda mais: arte é agressão: a ousadia erótica de sua arte agride e desmistifica certos valores emblemáticos de uma sociedade consumista burguesa: arte anti-ambiental. Contra-irritante. Antídoto do stress verbal da era do gráfico.

Falves Silva, pela versatilidade formal e temática de catalogar e (re)inventar informações críticas, inclui-se no arquivo dos grandes nomes da antiliteratura nacional ao nível de um Oswald de Andrade, Álvaro e Neide Sá, Samaral, Hugo Mund, Sebastião Nunes, Joaquim Branco, Paulo Bruscky, e mais uma vez Moacyr e Wladimir Dias-Pino, e Augusto de Campos, e por que não? Finalmente, impossível falar da agitação contracultural desse paraibano em poucas linhas comemorativas. Sua ação é imensa, bem distribuída por aí afora. Em termos gerais, podemos dizer que sua contribuição hoje com o salto qualitativo do poemário norte-rio-grandense é quantitativamente importante: sua proposta deu uso e desuso da arte como prática não verbal, é necessária para uma múltipla experiência da vanguarda brasileira, visto que não precisou dos célebres minutos de Andy Warhol, nem de distinguir um decassilabo de um alexandrino como exigem certos literatos provincianos e decadentes, e sim, espantar pela radicalidade.

# Poesia, erudição e tradição na poesia de Paulo de Tarso



Nelson Patriota

O ano literário de 93 já pode ser considerado como encerrado, embora falte ainda cerca de dois meses para seu término. Convenhamos, contudo, que dois meses não representam absolutamente nada na história de uma literatura determinada; às vezes, porém, muda tudo. Mas em se tratando da literatura norte-riograndense, especificamente da sua produção poética, 1993 "terminou idealmente": com três bons lançamentos. O primeiro foi 'Rito', de Marize Castro. O segundo, 'A palavra estampada', de Diva Cunha. O terceiro, 'Talhe rupestre', de Paulo de Tarso Correia de Melo.

Dos dois primeiros, escrevemos em ocasião anterior, ressaltando as características pessoais de cada uma das poetisas, que se inscrevem na melhor tradição feminina da nossa poesia. Claro, são estilos diferentes, visões de mundo diferentes. Ambas, porém, escreveram à vontade, i.e., conscientemente, com base numa visão poética estrutural, interiorizada, onde a inspiração ainda pesa, mas não é tudo. Principalmente em Marize, onde o verso se equilibra em meio a uma tensão permanente. Evidente que a poesia de Diva Cunha é mais fluida, mais espontânea, mas nunca se solta completamente, haja vista a brevidade que a comprime, obrigando-a a esgotar-se dentro de limites estreitos.

Outra é a poesia de Paulo de Tarso. Em primeiro lugar, por sua evidente e incontestada erudição literária, onde se inscreve af o domínio das principais línguas modernas e clássicas; em segundo, pelo desenvolvimento de um estilo polifônico, onde se encontram vertentes tão diversar como os cantos homéricos, a tradição popular e a linguagem das ruas, mesclados e fundidos na mesma poética.

Essa amálgama de erudição, tradição e modernidade pode ser perfeitamente apreciado no poema "Praça Augusto Leite: ubi Ilion est". A referência à Ilíada não é gratuita. De fato, trava-se uma nova guerra de Tróia (Ilion) na referida praça: as alusões homéricas são inúmeras: o Tróia Futebol Clube, personagens chamados Heitor, Nelau, Menelau, Diomedes, um Lissinho astuto que evoca de imediato aquele que foi o mais astuto dos homens, Odisseu; há um Quico cujo calcanhar foi pisado (Aquiles), "e outros guerreiros de nomes esquecidos. / Ninguém passava quando cerravam fileiras/ nada podia contra suas muralhas/ e continuava a cerco/ até o cansaço bom da mocidade/ chegar e a noite prateada". Não esqueçamos, porém, que Paulo de Tarso escolheu como epígrafe para seu poema uma quadra do Otacílio Batista, um cantor popular do Nordeste, que alude à guerra de Tróia.

Outro exemplo de aproveitamento poético do inesgotável filão clássico da velha Grécia se dá em 'Pastor Protágoras', poema cujo título remete diretamente ao célebre sofista conhecido pela sentença: "o homem é a medida de todas as coisas". Mas ao contrário do Protágoras sofista, esse Pastor Protágoras de "Talhe rupestre" é poeta: "A Hélide era azul e as palavras de ontem moram no peito de hoje: / ouro de muitas palavras/ bronzes que vieram de longe// ... // e dá medida a todas/ as coisas, homem/ e repousas".

Em sua 'Arte poética', Paulo de Tarso reconhece que "Ninguém diz a palavra certa, João/ nem tu mesmo, a ti mesmo/ dizes a palavra certa". E admite, mais adiante, que "a palavra que está no sangue e foge/ a que ainda não virá hoje/ a que se esconde agora// vem de ontem e de longe, / de umas coisas que se sabe/ e outras que se ignora".

E assim o poeta vai construindo pouco a pouco sua própria poética, a pretexto de perseguir essa "palavra certa", esse logos que tudo exprime de uma vez por todas. Enquanto ela não vem, só resta prosseguir nessa busca, onde a vida e a poesia se confundem.



## “VEIO DO SERTÃO LÁ DO CABUGI”

O Deputado Federal, escritor e jornalista Alufzio Alves é o mais novo imortal da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Todos os imortais, políticos, autoridades civis e eclesiásticas, além de escritores do Estado do Rio Grande do Norte, estiveram presente a solenidade que ocorreu no salão dos Grandes Atos da Fundação José Augusto, entidade cultural do Estado criada pelo acadêmico, quando governador.

A cadeira de número 17, cujo patrono é o jurista Francisco de Souza Ribeiro Dantas e que foi ocupada pelo escritor Dioclécio Dantas Duarte, até 1976, foi ocupada por Alufzio Alves, 72 anos, após 17 anos de sua eleição. Em seu discurso, de uma hora e trinta minutos, Alufzio destacou: “Cheguei. Foi uma longa e silenciosa viagem que muitos supõem iniciadas há 17 anos com a minha eleição”.

Foi saudado como acadêmico pelo imortal Mário Moacyr Porto, com as insígnias acadêmicas. Alufzio Alves, eleito no dia 24 de setembro de 1976, por 27 votos a favor, um nulo e um em branco, nasceu em Angicos, em 11 de agosto de 1921. Formou-se em Direito. Foi Governador, Ministro de Estado, entre inúmeros outros cargos eletivos.

Em 1950 fundou a Tribuna do Norte, que edita o Jornal Tribuna do Norte em Natal. Participou da Fundação no Rio de Janeiro do Jornal “Tribuna da Imprensa”. Atuou no jornalismo desde muito cedo, publicou “Sem Ódio e Sem Medo”, “História de uma Campanha” que conta a saga do capitão José da Penha e “Angicos”. É uma das mais expressivas lideranças e inteligências do Estado do Rio Grande do Norte, sua contribuição a Sociedade Brasileira é reconhecida nacionalmente.

Planeja editar uma revista, que será chamada “Polígono”, constituindo-se num marco na produção literária estadual. (A.L.)

## Athayde, o presidente

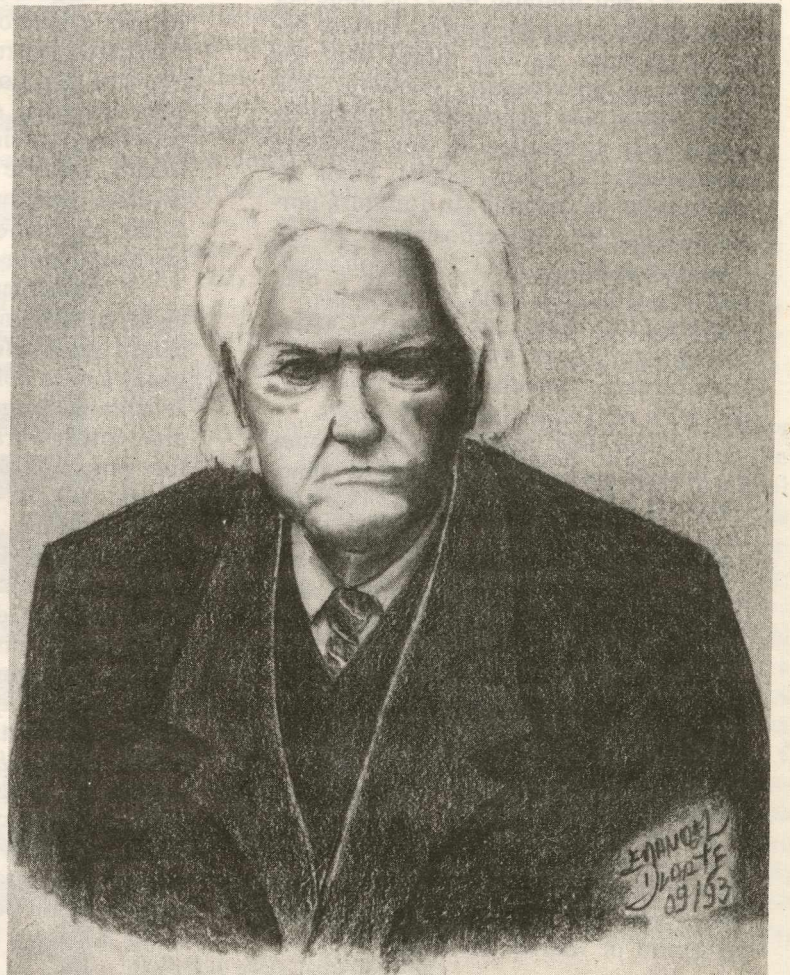
Belarmino Maria Austregésilo Augusto de Athayde, pernambucano de Caruaru, presidente da Academia Brasileira de Letras e vice-presidente do Condomínio Acionário dos Diários Associados, faleceu, no Rio de Janeiro, em 13 de setembro de 1993. Completaria 95 anos em 25 deste mês. Só nos Diários Associados trabalhou 69.

Membro por quase meio século da ABL, foi redator em 1948 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Amou a vida “como se fosse uma missão recebida por Deus”. Ao lado de 17 personalidades, redigiu a Declaração Universal dos Direitos Humanos, e exigiu a modificação do artigo 1º, que afirmava ser o homem dotado, “pela natureza”, de consciência e razão. Agnóstico conseguiu, após debates, fosse colocada a expressão “criado por Deus à sua imagem e semelhança”, que achava mais compatível.

Jovem mesmo aos 95 anos, jamais deixou de fazer planos para o futuro, recordando os bons momentos em sua longa existência. Jornalista durante 78 anos, ensaísta e contista. Trabalhava 16 horas por dia e “dormia como uma pedra” as oito restantes. Chegou ao Rio aos 20 anos de idade, após deixar o seminário. Matriculou-se no curso de Direito tendo sido comparado a Machado de Assis por ser “um excelente contista”.

Publicou mais de 15 títulos, entre contos, conferências e crônicas. Em 1988 o escritor disse: “Ninguém escreveu na vida mais do que eu”. Fez oposição no regime totalitário de Getúlio Vargas, marcando sua vida política, em 1932. Foi para São Paulo e integrou-se aos revolucionários constitucionistas. Preso e exilado em Portugal após a derrota do movimento, retornou em 1933 como constituinte.

Sobre ele afirmou certa vez Raquel de Queiroz: “Ele foi o campeão da sobrevivência profissional” e Barbosa Lima Sobrinho, acadêmico e jornalista certa ocasião afirmou: “Se ele fosse ministro da Fazenda, o Brasil seria diferente”. Sobre sua mulher, Maria José, Jujuca, com quem viveu 53 anos, disse-se eterno apaixonado”. Era a mulher mais bonita do Rio de Janeiro. Foi uma linda história de amor”.



Honrou a categoria que foi o que sempre gostou mais na vida: “Sou jornalista”. Prestando um grande serviço ao País, as letras, a imprensa, viveu com dignidade, honradez e sobretudo amor.

# Preservar a cultura e desenvolver o turismo de Parnamirim também é prioridade para Flávio Martins

## "PRESERVAÇÃO"

Dois grupos de Bois de Reis, um grupo de Pastoril, o grupo Araruna, a banda de música, que encontrava-se em situação irregular, agora está sendo reestruturada com a preocupação de valorizar profissionalmente os seus componentes. A Banda de Música Epitácio Leopoldino terá características de laboratório de especialização de jovens para cadeira de música.

Destaca Cláudio Gomes que além da importância histórica da cidade de Parnamirim, cuja participação na II Guerra Mundial foi de significativa importância para o contexto mundial, existe também grandes grupos musicais que são reconhecidos nacionalmente. Como exemplo, cito a Banda Xodó, Banda Xaxado, Ivanildo Sax de Ouro e também cantores como Ari Padilha. Com tantos valores musicais, o resultado não poderia ser outro senão a realização do I Festival de Música do Artista Parnamirinoense. Na área da literatura serão realizados concursos literários, de cartazes, de crônicas, poesias e trabalhos livres. Outra meta é editar um livro onde seja contada a história da fundação da Cidade, da influência americana nos hábitos do seu povo e importância da participação da Segunda Guerra Mundial. Resgatar sua verdadeira história.

Fatos como o povoado do campo de Parnamirim, a Vila, o Distrito, as primeiras personalidades, instalação da Base Aérea. A pretensão do Prefeito Flávio Martins é publicar um livro onde a história real da Cidade seja contada e adotar nos currículos escolares essa disciplina como forma de preservar a identidade histórica da cidade de Parnamirim.

Um programação especial está sendo desenvolvida pela coordenação cultural, juntamente com outras secretarias, para as comemorações do 31º aniversário de emancipação política da Cidade a ser comemorada em 17 de dezembro de 1993. A Biblioteca está sendo reestruturada, com novas aquisições, buscando autores do Estado, onde os Norte-Rio-Grandenses possam conhecer os seus valores, suas raízes, seu berço, sua gente.

O artesanato local também é um dos mais ricos. A administração Municipal pretende explorar, também, dentro do projeto cultural, este segmento, em trabalhos com cerâmica, gesso, palha, pintura, etc... Com relação às comemorações dos 50 anos do encontro dos Presidentes Getúlio Vargas do Brasil e Roosevelt dos Estados Unidos, órgãos como a Fundação José Augusto, Governo do Estado, Ministério da Aeronáutica e representante local estão coordenando o evento que será realizado no dia 28 de janeiro de 1993, no campo de pouso de Parnamirim. O mundo sabe a importância desse encontro para os fatos seguintes. A Cidade deve participar acirradamente da implantação do Museu da Segunda Guerra, que se encontra em fase de implantação.

O aspecto turístico também será trabalhado. A Barreira do Inferno, as praias de Pirangi, Cutuvelo, o maior cajueiro do mundo, a Festa do Boi, enfim, é uma grande riqueza cultural e histórica que a Prefeitura irá explorar, sobretudo para preservar seus valores e contribuindo para o desenvolvimento sócio-cultural do povo de Parnamirim.

Uma das preocupações do Prefeito Municipal de Parnamirim, Flávio Martins, é preservar a cultura dessa, que é uma das mais importantes cidades históricas do Estado, conservando o acervo arquitetônico e cultural da cidade. Para isso criou um Departamento de Atividades Artísticas e Culturais, vinculado a Secretaria de Educação do Município, que também terá a responsabilidade de zelar pelo esporte e desenvolver esta atividade. O Secretário de Educação e Cultura, professor Júlio César, determinou que fossem identificadas, através de pesquisas, fatos, fotografias, documentos, personagens, enfim, resgatar os valores e riquezas da Cidade Trampolim da Vitória.

O Coordenador do Projeto Cultural da Prefeitura de Parnamirim, Cláudio Gomes, está trabalhando junto às comunidades, catalogando, ouvindo opiniões, acatando sugestões e elaborando um cadastro de inscrições, subdividindo as atividades nas artes plásticas, música, artes cênicas e artísticas populares. Todos os grupos folclóricos foram cadastrados, os inativos serão reativados.

# Cartas

Criciúma, 04-08-93

Sra. Editora da  
Revista "O Galo".

Tomei conhecimento da referida publicação através de pessoa da minha família. Todavia não consegui obter a informação sobre a existência de assinaturas para outros Estados nem o valor da mesma.

Dirijo-me, então, diretamente a V. Sa. e solicito tais informações, pelo que agradeço antecipadamente.

Lêda Soares Brandão Garcia  
Rua Antônio de Juca, 165 sala 203 - Plo  
Correa - CEP 88811-460 - Criciúma/SC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS  
E ARTES  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
SOCIAL  
HEMEROTECA

Natal (RN), 03/08/1993

Sra. Editora

Comunicamos e agradecemos a V. Sa., o recebimento do periódico "O GALO" com grande aceitação pelos nossos leitores professores e estudantes do curso de Comunicação desta Universidade.

Dando continuidade ao nosso trabalho de melhor informar aos frequentadores da Hemeroteca, gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração nos enviando, se possível, regularmente, estas ou outras publicações produzidas e editadas sob sua responsabilidade para ampliar o nosso acervo.

Certos da compreensão e atendimento, colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente

SÔNIA MARIA M. HERMÍNIO  
Jorn. responsável pela Hemeroteca

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
DO NORTE  
GABINETE DO REITOR

Natal, 23 de agosto de 1993

Ofício nº 591/93-R

Senhor Presidente,

Na ocasião em que se homenageia os noventa anos de nascimento de Dinarte de Medeiros Mariz, criador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e lembrança enraizada no chão e na memória desta instituição de ensino, impõe-me a condição atual de Reitor testemunhar, em nome da UFRN e em meu próprio nome, a relevância e oportunidade deste evento.

Utilizando as próprias palavras do homenageado, a criação da Universidade foi "ato maior do meu governo, diria melhor, da minha vida pública, aquele que mais me tocou à inteligência e ao coração, o de que mais me ufano, e pelo qual dou renovadas graças a Deus, por me haver feito instrumento de sua criação. Estava reservada a mim que não me assentei em bancos acadêmicos, que não tive meios de cursar estudos superiores, a glória de dar ao meu Estado o seu galardão maior, a Universidade reclamada por tantas gerações..."

Junto, portanto, às homenagens de hoje, as palavras revividas e emocionadas de Dinarte Mariz falando da instituição que criou e que transformou de "estudante da universidade da vida", como se definia, em um justíssimo Doutor "Honoris Causa".

Foi ainda Dinarte Mariz que, acrescentando à experiência de agricultor nordestino, um pouco da sabedoria oriental, disse a respeito da Universidade: "Quando plantares para um ano, semeia grão. Quando plantares para a vida, educa o homem".

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte continua e continuará, muito além dos seus 35 anos que ora se comemoram, plantando para a vida e aplaudindo iniciativas como a presente, quando essa Fundação, rememorando uma figura da estatura histórica de Dinarte Mariz, também educa o homem das novas gerações.

Atenciosamente,

Geraldo dos Santos Queiroz  
REITOR

São Luís, 26 de março de 1993

Sra. Escritora,

Temos o prazer de enviar-lhe esta edição especial N° 02, do suplemento cultural Vagalume, desta nova fase e safra de reativação e retomada, tratando este sobre a prosa moderna maranhense.

Caso a prezada amiga não haja recebido a edição especial N° 01 deste suplemento e que trata da poesia maranhense dos últimos setenta anos, pedimos que notifique, e a quantidade que deseja.

Outrossim, comunicamo-lhe que recebemos colaboração de qualquer Estado pois, após a edição de janeiro/fevereiro, implantaremos ou reimplantaremos o projeto inicial de 1988 que é o de um suplemento aberto aos ventos que sopram do futuro, como diria Klébnikóvisk.

ALBERICO CARNEIRO  
Editor-Chefe

Ps.: Em tempo, atualize o seu CEP, acuse o recebimento do VAGALUME.

Jacobina/BA, 27 de abril de 1993

Att. Sra. Editora.

Estou enviando o material em anexo, visando uma possível divulgação neste importante difusor cultural: O GALO. Ao mesmo tempo que solicito uma assinatura do mesmo para o endereço abaixo. Se possível favor enviar números anteriores para coleção.

Agradeço antecipadamente,

Cláudio Cledson Novaes  
Prof. de Literatura Brasileira  
UNEB/ FFPJ

Cuiabá, 09-08-93

Jornal O Galo  
Fundação José Augusto  
Natal-RN

Sra. Editora

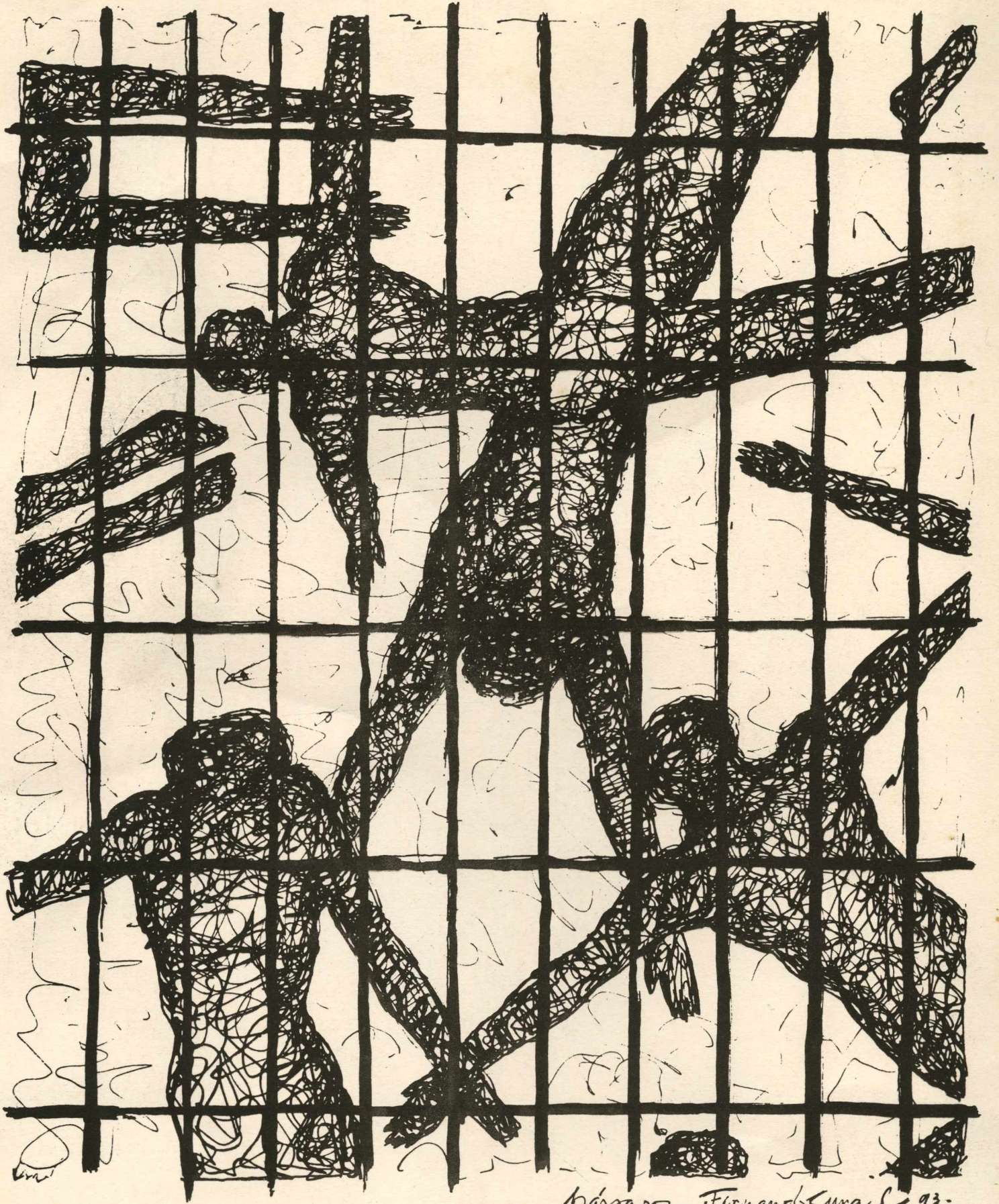
Servimos para enviar o novo endereço do Serviço Intercâmbio - BPE-EM, esperando continuar a merecer atenção de V. Sa. recebendo as edições O Galo, veículo informativo da Fundação José Augusto.

Cordiais saudações

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL  
"ESTEVÃO DE MENDONÇA"  
Cuiabá - Mato Grosso



GORETH 93



Pássaro - Fernando Gurgel 93-